

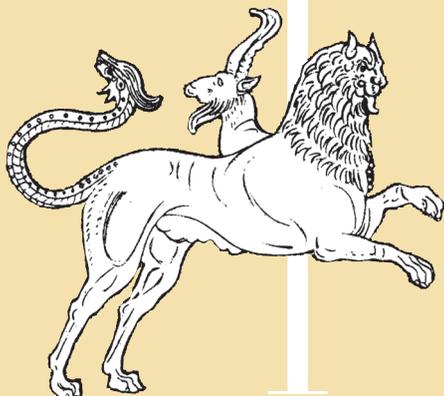
# Chimera

Textos

Joseph Addison

## Catão Uma Tragédia

Introdução, tradução e notas  
Adelaide Meira Serras



University of Lisbon Centre for English Studies  
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa



TEXTOS  
CHIMAERA



## TEXTOS CHIMAERA 5

### DIRECÇÃO

João Almeida Flor

Isabel Fernandes

Teresa Malafaia

### TÍTULO

CATÃO: UMA TRAGÉDIA

### INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

Adelaide Meira Serras

### DESIGN, PAGINAÇÃO E ARTE FINAL

Inês Mateus – inesmatus@oniduo.pt

### EDIÇÃO

Centro de Estudos Anglísticos

da Universidade de Lisboa

### IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Textype

TIRAGEM 500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 262 741/07

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

# CATÃO: UMA TRAGÉDIA

Tal como é representada no Teatro Real,  
em Drury Lane, pelos súbditos de sua majestade

Joseph Addison

Introdução, Tradução e Notas

Adelaide Meira Serras

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

2007



## Índice

Introdução .....	9
Prólogo do Sr. Pope, apresentado pelo Sr. Wilks .....	19
Personagens .....	25
Acto I .....	27
Acto II .....	48
Acto III .....	68
Acto IV .....	94
Epílogo pelo Dr. Garth, declamado pela Sr <sup>a</sup> Porter .....	103



# Introdução



A tragédia *Catão* de Joseph Addison tem, actualmente, sido remetida a um certo oblívio que contrasta não só com o apreço continuado por outras facetas do legado de Joseph Addison, como pelo imenso sucesso que granjeou quando foi posta em cena pela primeira vez a 14 de Abril de 1713, no teatro londrino de Drury Lane. Os mais notórios representantes do espectro político britânico, de *Tories* a *Whigs*, todos em uníssono, aplaudiram a obra, tanto enquanto texto dramático, como em representação teatral. Ninguém conseguia, ou pretendia ficar indiferente perante temas como o desafio e a resistência a governos tirânicos e o conseqüente elogio da liberdade e da virtude. Prova disso são as vinte e seis edições vindas sucessivamente a prelo durante o século XVIII, bem como as suas várias traduções, e as múltiplas vezes que subiu à cena quer em teatros nacionais, quer no estrangeiro, como por exemplo, em Itália, França, Alemanha, Holanda e Polónia.

A popularidade de *Catão* não se restringiu à Europa, tendo atravessado os mares até às colónias britânicas do continente americano, onde a sua influência atingiria vasto público, como o comprovam as oito edições ali publicadas até ao fim do século XVIII e as inúmeras encenações de que foi objecto desde a década de trinta até à fase posterior à conquista da independência. Era peça dilecta de Benjamin Franklin e George Washington, actuando como motivo inspirador do empenho à causa e à coisa pública. Na verdade, os ensinamentos políticos e éticos provenientes da Antiguidade Clássica, mas especificamente de Roma, chegavam a muitos através das palavras de Addison na sua versão dramatúrgica da vida e da morte de Catão de Útica. Mais do

que as teorias políticas de Locke<sup>1</sup> ou David Hume, que davam resposta aos problemas ou às imperfeições existentes no modelo constitucional britânico de poder bipartido entre a coroa e o parlamento, *Catão*, o paradigma da virtude pública, constituía um exemplo a seguir na novel república americana; assegurar que as paixões ou os impulsos egoístas dos homens – como o amor ao poder ou a ganância – poderiam ser dominados, augurava um futuro próspero e justo para os Estados Unidos da América.

Apesar do profundo impacte da obra na época, e embora o projecto da tragédia já remontasse aos seus tempos de estudante, Joseph Addison não deveu a sua fama a *Catão*. Depois de concluir os seus estudos clássicos em Oxford e do tradicional *Grand Tour* por França, Itália, Suíça, Áustria, Alemanha e Holanda, ingressou nas lides políticas associado ao partido *Whig*, tendo desempenhado diversos cargos, nomeadamente o de membro do Parlamento por Malmesbury.

A par da actividade política, Joseph Addison dedicou-se à escrita ensaística, tornando-se exímio, segundo a opinião de contemporâneos de renome como Samuel Johnson, nessa nova forma de escrita. Mais do que a produção poética quer em latim, quer em inglês, ou as traduções dos clássicos, seria o formato do breve ensaio publicado em periódicos que o tornaria famoso entre os seus contemporâneos. Ainda que influenciada por autores da Antiguidade como Séneca, ou do renascentista Montaigne, cujos *Essais* (1575) já apresentavam um carácter reflexivo, veiculado de maneira concisa e dialogante com o presumível destinatário, seria Addison quem, juntamente com Richard Steele, desenvolveria o ensaio jornalístico de pendor simultaneamente informativo e formativo. Tratava-se de textos curtos que abordavam temas actuais, mas de modo ligeiro para assim cativar tanto os mais ocupados, como os menos predispostos à leitura. Nessas publicações eram ventilados temas políticos, quer sobre a actividade governativa e parlamentar, quer sobre a guerra com a França de Luís XIV (assunto que dominava quase por completo a política externa coeva), morais, ou do foro da estética e da

---

<sup>1</sup> A obra de John Locke, *Two Treatises of Government*, composta por “The First Treatise of Government” que consiste numa reacção ao tratado de Robert Filmer, *Patriarcha, or The Natural Power of Kings* (1680) e “The Second Treatise of Government”, onde o autor utiliza a sua teoria gnoseológica empirista para justificar histórica e politicamente o regime decorrente da Revolução de 1688.

literatura, a par com simples regras de conduta. Breve se tornaram matéria de debate ou simples conversa nas casas de café ou chocolate (*coffeehouses* e *chocolatehouses*), estabelecimentos frequentados pela burguesia, assim propiciando a gênese de uma opinião pública mais abrangente e, portanto, mais democrática do que a resultante das trocas de ideias nos *salons*. Addison define os objectivos do seu contributo para as publicações periódicas no nº 10 de *The Spectator*:

“Diz-se de Sócrates que ele trouxe a Filosofia do céu para habitar entre os homens; e a minha ambição é que digam que eu tirei a filosofia dos gabinetes e das bibliotecas, das escolas e dos colégios universitários para estar presente nos clubes e nas assembleias, nas mesas de chá e nas casas de café.”

Os seus múltiplos ensaios funcionavam, pois, como modo de divulgar conhecimento junto da amálgama que constituía uma classe média ainda um tanto indiferenciada, apelando, também, à sensibilidade e às boas maneiras, factores essenciais num estado de direito em que as instâncias de autoridade e poder buscavam o respeito e o reconhecimento da sua legitimidade, após as convulsões políticas do século anterior, cujas consequências ainda se reflectiam na relação de Guilherme de Orange e de Maria Stuart (e, mais tarde, Ana Stuart) com os seus súbditos.

Além de contribuir para o *Examiner* (1710), um periódico partidário *Whig*, destinado a ripostar à publicação *Tory The Examiner*, Addison fundou com Richard Steele *The Tatler* (1709-11) e, seguidamente, *The Spectator* (1711-1712, 1714), onde melhor consolidou a sua reputação de reformador social e onde abordou alguns dos temas que surgem em *Catão*: patriotismo, virtude, liberdade, honra, fama, natureza dos governos, a importância da educação, entre outros. Colaborou ainda em *The Guardian* (1713), criou *The Freeholder* (1715-16) de teor decididamente político, como aliás, viria a ser *The Old Whig* (1718).

*Catão, Uma Tragédia*, para além de evidenciar o profundo saber classicista do seu autor, constituiu um instrumento eficaz para transmitir uma mensagem política ao público inglês de Setecentos, em particular àqueles mais directamente envolvidos na governação da coisa pública. A crença partilhada por muitos iluministas na capacidade de progresso e aperfeiçoamento do ser humano e das suas instituições suscitava um vivo debate quanto às melhores formas de viver em sociedade observando os grandes princípios, ou leis da Natureza – a liberdade e a justiça social.

O anelo reformador de Joseph Addison, encontrava-se, aliás, em sintonia com as recorrentes comparações entre a Roma de Augusto e Inglaterra na aurora do século XVIII. Henry Neville traduzira a obra de Maquiavel, *Os Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* (1513-1517), edição surgida entre 1675 e 1720. Segundo Maquiavel, a grandeza de Roma ficara a dever-se ao equilíbrio de poderes estabelecido entre patrícios e plebeus, equilíbrio que se desenvolveu de forma gradual com base num quadro legislativo adequado e posto em prática por instituições competentes. Para a liberdade e o bem público florescerem nesta sociedade a conduta dos seus membros teria de se pautar pela virtude cívica, o que implicava uma vigilância constante e, se necessário, recorrer a denúncias e castigos públicos, caso contrário entrar-se-ia em decadência, o que viria a acontecer, de facto, com o império romano. O confronto entre Catão e Júlio César consubstanciou, precisamente o ponto de viragem da república para o império romano, podendo aquilatar-se das vantagens e dos perigos decorrentes dessas duas ideologias em sentidos díspares.

A tragédia de Addison centra-se nos derradeiros dias de Catão o Jovem (95-46 a.C.), também conhecido como Catão de Útica, descendente duma família patricia que sempre apoiara os princípios e as tradições republicanas. Entre os seus antepassados ilustres contava-se Catão o Velho, ou Catão o Censor (234-149 a.C.), cuja vida de virtude e austeridade passada no meio rural era exemplo do ideal de *aurea mediocritas*, inerente à doutrina estoica. Catão o Jovem ficaria igualmente conhecido como modelo de virtude cívica pela sua luta em prol da liberdade e da república. Desde criança até à fase adulta Catão revelara, segundo Plutarco, na biografia que dele traça, um temperamento inflexível, uma austeridade nos hábitos pessoais, grande auto-domínio e, sobretudo, um arreigado sentido de justiça.

É o empenho de Catão em preservar a liberdade romana que o leva a opor-se a Pompeu quando considerou que ele detinha demasiado poder; o mesmo desígnio levá-lo-á a aliar-se a Pompeu contra Júlio César ao aperceber-se da ameaça que este representava para a liberdade de Roma. Figura proeminente do Senado, Catão pertencia ao grupo dos *Optimates*, uma facção política que pretendia manter a autoridade tradicional na república contra os perigos quer dos excessos das multidões, quer da tirania de um indivíduo singular. Aos *Optimates* opunham-se os *Populares* que advogavam uma reforma política e económica através da redistribuição da propriedade.

Em certa medida também a Inglaterra augustana recriara estes dois pólos ideológicos nas facções *court* e *country*, transversais à lógica partidária: enquanto a primeira se revia num desígnio de engrandecimento e expansão nacional decorrente da prosperidade manufactureira e comercial que se repercutia numa administração pública maior e mais sofisticada, propiciadora de muitas carreiras lucrativas, a facção *country* criticava os excessos da vida urbana, preferindo-lhe a mediania e a tradição inglesa rural, condenava o luxo, que associava a práticas corruptas de ministros e cortesãos, passíveis de pôr em risco a pátria.

Quando jovem, Júlio César pertencera aos *Populares*, se bem que a lealdade que as suas tropas lhe devotavam se devesse às suas vitórias militares e não a uma eventual afinidade ideológica. Antes da guerra civil que iria pôr fim à república, o governo tinha assumido a forma dum triunvirato constituído por Crasso, Pompeu e Júlio César. Morto Crasso, o triunvirato sucumbiu e as legiões de César atravessaram o Rubicão para tomar Roma, enquanto Pompeu iniciava a sua retirada para a Grécia, com o Senado, e para o encontro fatal na batalha de Farsalo.

O conflito entre Catão e Júlio César representa dois caracteres e duas ideologias distintas: contenção versus ambição política é metáfora da prevalência do ideal republicano versus o império. Catão ergue-se como o defensor das virtudes cívicas, da tradição, do poder do Senado e, em especial, da obediência aos princípios estabelecidos. Júlio César, por seu turno, surge como o símbolo da mudança, da inovação, do ignorar das regras para obter vantagens territoriais ou guerreiras. Enquanto o primeiro encarna a austera simplicidade patrícia, o segundo é promessa de grandeza e expansão imperial.

A inflexibilidade de carácter demonstrada por Catão perante o infortúnio implica, também, dureza nos afectos e uma postura ditatorial em todas as circunstâncias o que difere, de modo presumivelmente negativo, com a generosidade e a clemência tantas vezes demonstradas por César. Mais, Catão abraçara a doutrina do estoicismo, que associava a ideia de uma vida de virtude à conquista da felicidade, defendendo que o controlo do espírito colocaria o indivíduo fora do alcance dos caprichos da fortuna, definia liberdade como o despojamento das paixões e dos pensamentos injustos e, portanto, o cumprimento do dever acima de tudo. Embora Addison em *Spectator* nº 243 apelide o estoicismo de “pedantismo de virtude”, o facto de Catão abdicar voluntariamente da sua vida em nome da causa da liberdade

confere-lhe uma aura de herói mítico que, como advogava Aristóteles em *A Poética*, suscita o temor e a piedade do público.

A acção da peça situa-se após a batalha de Farsalo em 46 a.C. No rescaldo da batalha, as tropas de Pompeu e os senadores reúnem-se na cidade de Útica, no Norte de África, sob o comando de Catão que forja uma aliança com Juba I, o rei da Numídia. O resultado é-lhes, porém, adverso e Catão, face à derrota sofrida e prestes a ter de se submeter a Júlio César, encoraja os que o acompanham a fugir e suicida-se.

O suicídio surge aqui como acto de libertação pessoal de acordo com a filosofia de vida adoptada por Catão, um último desafio à autoridade vitoriosa de César. Mas, é também possível lê-lo como o excídio da liberdade romana e o fim da república, ou ainda como o derradeiro acto de recusa de uma vida sob o jugo do tirano, num acto que a filosofia existencialista cerca de vinte séculos mais tarde justificaria como a responsabilidade da escolha e das decisões na construção do Eu.

As várias interpretações suscitadas pelo gesto de Catão parecem, todavia, convergir para o ideal de liberdade, considerado desde o plano mais pessoal, até ao do colectivo, justificado por um sentido de dever social e, em simultâneo, transcendente, o que lhe confere uma grandeza acrescida. Ora afigurava-se necessário a Addison tornar essa mensagem igualmente abrangente e poderosa, num período marcado por convulsões políticas como foi o reinado da rainha Ana. Sem descendência directa que garantisse a estabilidade futura da monarquia britânica e, apesar da Lei do Regime (1701) estipular a outorga da coroa a Jorge de Hanover, a ameaça de um Stuart católico no trono britânico ainda excitava os ânimos de muitos, convidando a uma tensão partidária entre *Tories* e *Whigs*, ou entre os defensores das facções *court* e *country*.

Addison procurou, pois, obviar a qualquer aproveitamento faccioso, ou qualquer reacção negativa por parte do governo *Tory*, já que o seu posicionamento bem mais próximo dos *Whigs* era sobejamente conhecido. Com tal objectivo convidou Alexander Pope, *Tory* convicto e poeta em franca ascensão, a escrever o Prólogo; o Epílogo ficaria a cargo de Samuel Garth, um Whig já com um percurso poético sólido. Atingia-se, assim, um equilíbrio político que correspondia a uma harmonia poética, pelas variedades estilísticas introduzidas e as diferentes focalizações entre o corpo da peça e os textos introdutório e final. O equilíbrio estético arquitectado por Addison

indicava, assim, a possibilidade da coexistência harmoniosa e pacífica de diferentes perspectivas do bem público quando baseado na virtude. Por isso foi aclamado por todos os quadrantes da política coeva. Pela apologia da pluralidade política e pelos princípios filosóficos em debate, a obra merece permanecer como objecto de interesse e estudo para os vindouros.

Nota: A presente tradução baseou-se na edição de Christine Dunn Henderson e Mark E. Yellin, publicada por Liberty Fund, Indianapolis em 2004.



Ecce spectaculum dignum, ad quod respiciat, intentus operi suo, Deus! Ecce par Deo dignum, vir fortis cum malâ fortunâ compositus!  
Non video, inquam, quid habeat in terris Jupiter pulchrius, si convertere animum velit, quam ut spectet Catonem, jam partibus non semel fractis, nihilominus inter ruinas publicas erectum.

SEN. DE DIVIN. PROV.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Sêneca, *De Providentia*, II. 9: “Mas olhai! Eis um espectáculo digno do apreço de Deus ao contemplar as suas obras; Vede! Eis aqui um desafio digno de Deus, – um homem corajoso enfrentou a má fortuna, e em dobro como se o desafio fosse seu também. Não sei, digo-vos, que visão mais nobre poderia o Senhor dos Céus encontrar na terra, caso desejasse volver a sua atenção para lá, do que o espectáculo de Catão, depois de a sua causa ter sido destruída por mais de uma vez, erguer-se firme, todavia, por entre as ruínas da república.” Addison omite a frase “e em dobro como se o desafio fosse seu também” na sua transcrição do latim.



## Prólogo do Sr. Pope<sup>2</sup> Apresentado pelo Sr. Wilks<sup>3</sup>

Despertar a alma com gentis toques de arte,  
Erguer o génio e sarar o coração.  
Tornar a humanidade em conscienciosa virtude audaz,  
De viver cada cena e ser o que elas contemplaram;  
Com tal fito a Musa Trágica pela primeira vez pisou o palco  
Ordenando às lágrimas que se derramassem por todas as idades;  
Os tiranos despojaram-se da sua natureza selvagem.  
E os inimigos da virtude maravilharam-se com o seu próprio choro.  
O nosso autor evita mover-se por vulgares estímulos  
A glória do herói, ou o amor da virgem;  
Ao lamentar o amor apenas mostramos as nossas fraquezas,

---

<sup>2</sup> Alexander Pope (1688-1744) – Poeta e proeminente figura literária do início do século XVIII. De entre as suas obras mais célebres distinguem-se *An Essay on Man* [*Um Ensaio sobre o Homem*] (1733) e *The Dunciad* [*A Dunciada*] (1728). Politicamente Pope identificava-se com o partido conservador *Tory*.

<sup>3</sup> Robert Wilks (c. 1665-1732) era o actor principal da companhia de Drury Lane. Desempenhou o papel de Juba na produção de *Catóo*.

E a ambição desmedida bem merece o infortúnio.  
Aqui as lágrimas brotarão de causa mais generosa,  
Como as lágrimas que patriotas derramaram por leis agonizantes:  
Ele exorta os nossos peitos a encherem-se do antigo ardor,  
E faz nascer lágrimas romanas em olhos britânicos.  
A virtude confessa desenha em forma humana,  
O que Platão pensou e, à semelhança de Deus, Catão foi:  
Aos vossos olhos incomum objecto expõe,  
Que o próprio Céu com prazer contempla;  
Um homem corajoso em luta com as tormentas do destino,  
Caindo grandiosamente a par com um estado decadente!  
Enquanto Catão dita leis no seu pequeno Senado,  
Que peito não bate pela causa da sua nação?  
Quem o vê agir e não lhe inveja os feitos?  
Quem o ouve gemer e não deseja o seu sangue verter?  
Mesmo quando o orgulhoso César, nos seus carros triunfais,  
O espólio de nações e a pompa das guerras,  
Ignobilmente vãs e impotentemente grandiosas,  
A Roma exibiu a figura de Catão com honras de Estado.  
Ao passar a veneranda imagem do seu defunto pai  
A pompa obscureceu e o dia toldou-se,  
O triunfo cessou – lágrimas jorraram de todos os olhos;  
A grande vitória do mundo passou despercebida;  
O seu último homem bom Roma desalentada homenageou,  
E venerou menos a espada de César que a de Catão.  
Bretões, escutai, que um tal valor seja apreciado,  
E mostrai que tendes a virtude de vos emocionardes.  
Com desprezo honesto viu o mui famoso Catão<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Catão o Velho (234-149 a.C.), também apelidado Catão o Censor, era o tetravô de Catão o Jovem.

Conhecido pelo seu estilo de vida extremamente simples e pelo seu ódio ao luxo, Catão, o Velho era um feroz opositor de Cipião o Africano. Cf. *Tatler* 162 e *Catão* IV.4 (p.92, n.49).

Roma aprender as artes da Grécia que subjugara,  
A nossa cena já há muito se alonga de forma precária  
Na tradução francesa e na canção italiana.  
Ousai ter o vosso próprio senso, reclamai o palco,  
Aquecei-vos com justiça na vossa raiva nativa  
Só tais peças deveriam agradar ao ouvido britânico,  
Que até Catão não desdenhou escutar.



## Personagens

### Homens

Catão	Sr. Booth
Lúcio, um senador	Sr. Keen
Semprônio, um senador	Sr. Mills
Juba, Príncipe da Numídia	Sr. Wilks
Sifax, General dos númidas	Sr. Cibber
Pórcio, Filho de Catão	Sr. Powell
Marco, Filho de Catão	Sr. Ryan
Décio, Embaixador de César	Sr. Bowman
Amotinados, Guardas, etc.	

### Mulheres

Mércia, filha de Catão	Sr. <sup>a</sup> Oldfield
Lúcia, filha de Lúcio	Sr. <sup>a</sup> Porter

Cena – Um grande salão no Palácio do Governador de Útica.



# ACTO I

## Cena I

*Pórcio, Marco*

Pórcio: A aurora está nublada, a manhã baixa  
E pesado de nuvens irrompe o dia,  
O grandioso, o importante dia, grande com o destino  
De Catão e de Roma. A morte de nosso pai  
Preencheria por completo toda a culpa da guerra civil<sup>5</sup>  
E fecharia a cena de sangue. Já César<sup>6</sup>  
Devastara mais de metade do globo e vê  
A humanidade reduzida pela sua espada aniquiladora:

---

<sup>5</sup> A guerra civil romana (49-45 a.C.) teve início quando César atravessou o Rubicão para invadir a Itália. Tendo fugido de Roma perante o avanço de César, Pompeu e as forças republicanas foram derrotadas em Farsalo, em 48 a.C. Pouco depois de ter deixado Farsalo, Pompeu foi assassinado no Egito pelos homens de Ptolomeu XII, enquanto Catão e outros republicanos se dispersaram, reunindo-se de novo em África. A acção da peça tem lugar logo após a vitória de César em Tapso.

<sup>6</sup> Caio Júlio César (100-44 a.C.) tornou-se ditador vitalício em 44 a.C., no mesmo ano em que foi assassinado por apoiantes da República Romana. A oposição de César a Catão é anterior à guerra civil, remontando à conspiração de Catilina de 63 a.C.

Fosse ele mais além, e os números escasseariam  
Para formar novas batalhas e sustentar os seus crimes.  
Ó deuses, que massacre causa a ambição  
No seio das vossas obras!

Marco: O vosso temperamento sóbrio, Pórcio  
Consegue olhar a culpa, a rebelião, a fraude e César  
À luz calma de suave filosofia;<sup>7</sup>  
Eu sou torturado, mesmo até à loucura quando penso  
No orgulhoso conquistador – sempre que é nomeado,  
Farsália<sup>8</sup> ergue-se a meus olhos – Vejo  
O insultuoso tirano, pavoneando-se pelo campo  
Coberto de cidadãos de Roma, ensopado da matança;  
Os cascos do seu cavalo molhados com sangue patrício!<sup>9</sup>  
Ó Pórcio! Haverá alguma maldição especial,  
Algum raio escondido nos depósitos celestes,  
Vermelho de ira incomum para fulminar o homem  
Que deve a sua grandeza à ruína do seu país?

Pórcio: Acreditai, Marco, é uma grandeza ímpia  
E envolta em demasiado horror para ser invejada.  
Como o esplendor das acções de vosso pai,  
Rompe a nuvem escura da maldade que o cobre,  
Profundamente desafortunado, ele combate pela causa  
Da honra, da virtude, da liberdade e de Roma.  
E arde com brilho mais triunfante!  
Os seus sofrimentos luzem e irradiam glória em seu redor;  
A sua espada apenas se abateu sobre as cabeças culpadas,

---

<sup>7</sup> Estoicismo; ver nota em I.4 (p.40, n. 29).

<sup>8</sup> Pequena cidade comercial em Tessália. A batalha de Farsalo, em 48 a.C., em que as hostes de César, muito superiores em número, derrotaram os pompeianos, foi a batalha decisiva da guerra civil.

<sup>9</sup> Classe romana privilegiada, definida pelo estatuto de nascimento.

Opressão, tirania e poder usurpado,  
Fizeram cair sobre eles a vingança do seu braço.

Marco: Quem não sabe isso? Mas que pode Catão  
Contra um mundo, um mundo vil e degenerado,  
Que corteja a canga e curva o pescoço a César?  
Confinado em Útica<sup>10</sup>, em vão forma  
Um pobre epítome da grandeza romana  
E, protegido por guardas númidas<sup>11</sup>, comanda  
Um fraco exército e um senado vazio  
Restos de poderosas batalhas lutadas em vão.  
Pelos Céus, tais virtudes associadas a tal sucesso,  
Perturbam a minha própria alma! O destino de nosso pai  
Quase nos tentaria a renunciar aos seus preceitos.<sup>12</sup>

Pórcio: Lembrai-vos do que o nosso pai tantas vezes nos disse:  
Os caminhos do céu são escuros e intrincados  
Enredados em labirintos e perplexos com erros,  
O nosso entendimento busca-os em vão,  
Perdido e confundido na busca infrutífera;  
Nem vê com quanta arte eles serpenteiam,  
Nem onde a metódica confusão termina.

Marco: Essas são sugestões de uma mente tranquila:  
Ó Pórcio, provásseis vós só metade das dores  
Que atormentam a minha alma, não conseguiríeis falar tão  
friamente.

---

<sup>10</sup> Antiga povoação fenícia ao longo da costa da actual Tunísia. No segundo século a.C., Útica tornou-se capital da África romana e foi-lhe outorgado o estatuto privilegiado de cidade livre, o que lhe garantia autonomia local e, talvez, imunidade fiscal. A simpatia de Útica em relação aos oponentes de César acabou por provocar o declínio da sua influência.

<sup>11</sup> A Numídia era uma província romana do Norte de África, na actual Argélia.

<sup>12</sup> Ver I.4, p.40, n.29.

Paixão desapiedada e amor rejeitado,  
Cravam punhais no meu coração e agravam  
As minhas outras dores. – Fosse a minha Lúcia gentil.

Pórcio: Não vedes que o vosso irmão é o vosso rival.  
Mas devo escondê-lo, pois conheço o vosso temperamento. *[Aparte]*

Então, Marcos, então, a vossa virtude está à prova;<sup>13</sup>  
Aplicai a vossa máxima força, dominai todos os nervos,  
E evocai toda a memória de vosso pai na vossa alma:  
Subjugar o tirano Amor e proteger o vosso coração  
Dessa débil faceta em que a nossa natureza mais fracassa,  
Seria uma conquista digna do filho de Catão.

Marco: Pórcio, o conselho que não consigo seguir,  
Em vez de curar, apenas censura a minha fraqueza.  
Ordenai-me, por minha honra, a mergulhar numa guerra  
De inimigos numerosos e precipitar-me em morte certa,  
Então vereis que Marco não tarda  
Em seguir a glória e emular o pai.  
O amor não deve ceder à razão, ou perder-se  
Em alta ambição e numa sede de grandeza;  
É uma segunda vida, cresce na alma,  
Aquece todas as veias e bate em todo o pulsos,  
Sinto-o aqui, a minha resolução esvai-se –

Pórcio: Olhai o jovem Juba, o príncipe núpida!  
Com que cuidado ele se prepara para a glória,  
E verga a fúria do seu temperamento nativo,  
Para imitar o brilhante exemplo de nosso pai.  
Ele ama a nossa irmã Márcia, ama-a muito;

---

<sup>13</sup> Referência ao desejo de fama terrena em confronto com a ambição de seguir uma conduta virtuosa a ser recompensada por Deus, *post-mortem*. Tema desenvolvido por Addison, em *Spectator*, 257, 25 Dezembro, 1711.

Os olhos, as expressões, os actos, tudo o denuncia  
Mas ainda assim a ternura represa arde dentro dele.  
Quando mais se avoluma e anseia libertar-se,  
O sentido de honra e o desejo de fama<sup>14</sup>  
Levam a grande paixão de volta ao seu coração.  
Pois quê! Deve um africano, deve o herdeiro de Juba,<sup>15</sup>  
Censurar o filho de Catão e mostrar ao mundo  
A falta de virtude numa alma romana?

Marco: Pórcio, basta! As vossas palavras deixam ferroadas em mim.  
Quando mostraram Juba ou Pórcio  
Uma virtude que para longe me tenha banido  
E expulsado na demanda da honra?

Pórcio: Marco, conheço bem o vosso generoso temperamento;  
Lancem a mera aparência de desonra sobre ele,  
E inflama-se de imediato e cresce em labareda.

Marco: Os sofrimentos de um irmão clamam pela piedade de um irmão.

Pórcio: Os céus sabem como me compadeço de vós. Olhai-me nos olhos,  
Mesmo enquanto falo não se marejam eles de lágrimas?  
Estivesse o meu pensamento igualmente a nu à vossa vista,  
Marco, vê-lo-íeis a sangrar por vós.

Marco: Por que me dirigis, então, censuras em vez  
De mostrardes condoída ansiedade e amistosa compaixão?

---

<sup>14</sup> As paixões e o desejo de fama digladiam-se com o princípio de honra e a conduta virtuosa, o garante de um destino salvífico, temas desenvolvidos por Addison nos seus escritos publicados em *Spectator*, 255, 22 de Dezembro de 1711, e 257, 25 de Dezembro de 1711.

<sup>15</sup> Juba I (85 a.C. – 46 a.C.), rei da Númídia que apoiou as hostes de Pompeia contra César. Juba conseguiu vencer Cúrio, o general de César em 49 a.C., mas foi derrotado em Tapso e suicidou-se.

- Pórcio: Ó Marco! Soubesse eu como aliviar  
O vosso perturbado coração e mitigar as vossas dores,  
Marco, acreditai, eu morreria para o conseguir.
- Marco: Vós, o melhor dos irmãos e o melhor dos amigos!  
Perdoai uma alma fraca e inquieta que se eleva  
Com súbitos deleites e logo sossobra em quietudes,  
Qual juguete das paixões: Mas eis que chega Semprônio:  
Ele não deve descobrir esta brandura que sobre mim paira. [*Sai*]

## Cena II

*Semprônio, a sós*

- Semprônio: As conspirações, mal sejam engendradas,  
Devem ser executadas.<sup>16</sup> O que significa a presença de Pórcio aqui?  
Não gosto daquele jovem frio! Tenho de disfarçar,  
E falar uma língua estranha ao meu coração.

*Semprônio, Pórcio*

- Semprônio: Bom dia, Pórcio, abracemo-nos,  
Abracemo-nos de novo, enquanto somos ambos livres.  
Amanhã, se assim expressarmos a nossa amizade,  
Cada um de nós poderá acolher um escravo nos seus braços:  
Este sol, o sol desta manhã é, talvez, o derradeiro,  
A erguer-se sobre a liberdade romana.
- Pórcio: Meu pai convocou esta manhã  
Para esta pobre sala o seu pequeno senado romano,<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Em *Discursos* III, 6, Maquiavel faz uma extensa abordagem das conspirações.

<sup>17</sup> A referência a um grupo de 300 romanos em Útica – homens de negócios e vários senadores com os seus filhos – utilizados por Catão como seu conselho de guerra. Depois do suicídio de Catão, César condenou à morte todos os membros do “senado de Catão” que conseguiu encontrar.

(Os despojos de Farsália) para o consultar  
Sobre se ainda se pode opor à poderosa torrente  
Que se abate sobre Roma e todos os seus deuses,  
Ou se deve, por fim, entregar o mundo a César.

Semprônio: Nem toda a pompa e majestade de Roma  
Conseguem instigar tanto o senado como a presença de Catão.  
As suas virtudes tornam a nossa assembleia terrível,<sup>18</sup>  
Atingem-nos como algo semelhante ao temor religioso,  
E fazem tremer mesmo César à cabeça  
De exércitos inflamados pela conquista. Ó meu Pórcio!  
Pudesse eu chamar pai a esse homem admirável,  
Fosse a vossa irmã Márcia favorável  
Aos votos deste vosso amigo, e seria, de facto, abençoado!

Pórcio: Em vão! Semprônio, falardes vós de amor  
A Márcia enquanto a vida de seu pai está em perigo?  
Mais valera cortejardes a pálida e tremente vestal,  
Quando ela contempla a expirante chama sagrada.

Semprônio: Quanto mais vejo os prodígios da vossa raça,  
Mais fascinado fico. Deveis acautelar-vos, meu Pórcio!  
O mundo tem todos os seus olhos postos no filho de Catão.  
O mérito de vosso pai torna-vos o alvo das atenções,  
E expõe-vos sob o mais intenso foco de luz  
De modo a tornar as vossas virtudes, ou os vossos defeitos,  
manifestos.

Pórcio: De facto pareceis julgar-me pela minha delonga aqui  
Neste grave momento. Vou imediatamente,  
E enquanto os senadores reúnem  
Em debate cerrado para avaliar os eventos da guerra,  
Eu animarei a definhada coragem dos soldados,

---

<sup>18</sup> Reverencial.

Com o amor pela liberdade e o desprezo pela vida:  
Trovejarei aos seus ouvidos a causa da sua pátria,  
E tentarei despertar tudo o que de romano neles há.  
Não cabe aos mortais impor o sucesso,<sup>19</sup>  
Mas faremos mais, Semprônio, faremos por merecê-lo. [*Sai*]

*Semprônio, a sós*

Maldito seja o mancebo! Como imita o pai!  
Ambiciosamente sentencioso!<sup>20</sup> Mas interrogo-me,  
O velho Sifax não vem; o seu génio núpida  
Está bem preparado para o golpe; assim estivesse ele pronto  
E ansioso por cometê-lo. Mas tem de ser incitado,  
E constantemente instigado para a acção.  
– Catão desconsiderou-me, recusou  
A sua filha Márcia aos meus ardentes votos.  
Além disso, as suas armas inúteis<sup>21</sup>, a causa arruinada,  
São obstáculos à minha ambição. O favor de César,  
Que cobre de grandeza os seus amigos, guindar-me-á  
Às mais elevadas honras de Roma. Se eu entregar Catão,  
Reclamarei, como minha recompensa, a sua filha cativa.  
Mas eis que chega Sifax!

### Cena III

*Sifax, Semprônio*

Sifax: Semprônio, tudo está a postos;  
Sondei os meus núpidas, homem por homem,

---

<sup>19</sup> John Adams utiliza uma paráfrase deste passo numa carta a sua mulher, datada de 18 de Fevereiro de 1776. Aparentemente o passo era bem conhecido, pois George Washington também o parafrazeia a 29 de Outubro de 1775 em carta a Nicholas Cooke e, a 5 de Dezembro de 1775, em carta a Benedict Arnold.

<sup>20</sup> Demasiado moralista.

<sup>21</sup> Caídas em desgraça, desonradas.

E acho-os prontos para a revolta. Todos  
Se queixam abertamente da disciplina de Catão,  
E apenas aguardam a ordem para mudarem de chefe.

Semprônio: Crede em mim, Sifax, não há tempo a perder;  
Agora mesmo, enquanto falamos, o nosso conquistador avança,  
E ganha terreno sobre nós a cada instante.  
Infelizmente não conheceis o espírito activo de César,<sup>22</sup>  
Com que medonha determinação corre  
De guerra em guerra. Em vão formou a natureza  
Montanhas e oceanos para impedir a sua passagem;  
Ele atravessa-os todos, vitorioso na sua marcha;  
Os Alpes e os Pirinéus<sup>23</sup> vergam-se perante ele;  
Por ventos, marés e tempestades talha o seu caminho,  
Impaciente pela batalha: mais um dia  
E a vitória estará ribombando às nossas portas.  
Mas dizei-me, já persuadistes o jovem Juba?  
Isso ainda vos favoreceria mais junto de César,  
E negociaríeis em melhores termos.

Sifax: Infelizmente ele está perdido!  
Ele está perdido, Semprônio; todos os seus pensamentos são de  
veneração  
Pelas virtudes de Catão. Mas tentarei mais uma vez  
(A todo o instante o espero aqui)  
Se ainda conseguir subjugar esses teimosos princípios  
De fé, de honra e não sei que mais,  
Que corromperam o seu temperamento núpida,  
E lhe infectaram toda a alma.

---

<sup>22</sup> Uma caracterização habitual de César, nomeadamente em Lucano, *Farsália* I.143 -151, II. 439.44.

<sup>23</sup> Os Alpes e os Pirinéus representavam os pontos mais longínquos do mundo romano civilizado.

Semprónio: Certificai-vos de que usais todos os argumentos para o pressionar.  
A rendição de Juba depois da morte de seu pai,  
Entregaria África nas mãos de César,  
E fá-lo-ia senhor de metade da zona tórrida.

Sifax: Mas é verdade, Semprónio, que o vosso senado  
Está reunido? Deuses! Deveis ser cauteloso.  
Catão tem olhos penetrantes e desvendará  
As nossas fraudes, a menos que com arte as saibamos encobrir.<sup>24</sup>

Semprónio: Deixai-me só, bom Sifax; ocultarei  
Os meus pensamentos com paixão (é o modo mais seguro);  
Clamarei bem alto por Roma e pela minha pátria,  
E invectivarei César até fazer tremer o senado.  
A vossa fria hipocrisia é um velho método,  
Um truque gasto: quereis ser considerado honesto?  
Cobri o vosso fingido zelo com raiva, fogo e fúria!

Sifax: Na verdade, vós bem podeis instruir cabeças grisalhas  
E ensinar ao astuto africano fingimento!

Semprónio: Mais uma vez, esforçai-vos por aplicar as vossas artes a Juba.  
Entretanto apresso-me a voltar para os meus soldados romanos,  
Para atear o motim e, sub-repticiamente,  
Fazer explodir o seu descontentamento até que se revoltem  
Inesperadamente e se libertem de Catão.  
Lembraí-vos, Sifax, temos de trabalhar depressa:  
Ó, pensai nos momentos ansiosos que passam entre  
O nascer dos ardis e os seus últimos e fatais períodos.  
Ó, é um intervalo de tempo terrível,  
Pleno de todo o horror e prenhe de morte!  
A destruição paira sobre cada palavra que pronunciamos,  
Sobre cada pensamento, até a estocada final  
Tudo decidir, e completar o nosso desígnio. [Sai]

---

<sup>24</sup> Retórica. Tema desenvolvido em *Spectator*, nº 231 de 24 de Novembro de 1711.

## Cena IV

*Juba, Sifax*

- Juba: Sifax, regozijo-me de vos encontrar assim sozinho.  
Tenho observado que ultimamente tendes um semblante  
abatido,  
Toldado de sombrios cuidados e descontentamento;  
Dizei-me, pois, Sifax, rogo-vos, dizei-me,  
Que pensamentos são esses que carregam o vosso cenho de  
desagrado,  
E vos fazem olhar o vosso príncipe tão friamente?
- Sifax: Não é meu talento ocultar os meus pensamentos,  
Ou arvorar sorrisos e raios de sol na minha face,  
Quando o descontentamento pesa tão fortemente no meu coração.  
Ainda não tenho tanto de romano em mim.
- Juba: Por que invectivais tão duramente  
Os senhores e soberanos do mundo?  
Não vedes a humanidade prosternar-se perante eles,  
E reconhecer a força da sua superior virtude?  
Há alguma nação nos confins da ignota África,  
Entre os áridos rochedos e as areias ardentes,  
Que não estremeça ao nome de Roma?
- Sifax: Deuses! Onde está o valor que coloca este povo  
Acima dos fulvos filhos da vossa própria Numídia!  
Será que vergam o arco com mais força?  
Ou o dardo voa mais veloz para o seu alvo,  
Lançado pelo vigor de um braço romano?  
Quem como o nosso diligente africano treina  
O feroso corcel e o doma à sua vontade?

Ou guia em bandos o elefante de combate  
Carregado de armamentos? Estas, estas são as artes, meu príncipe,  
Em que a vossa Zama<sup>25</sup> não se curva perante Roma.

Juba: Essas são todas virtudes de grau inferior,  
Perfeições que estão alojadas nos ossos e nos nervos.  
Uma alma romana aspira a mais altas vistas;<sup>26</sup>  
Civilizar o mundo rude e grosseiro,  
Subjugá-lo às restrições das leis;  
Tornar o homem compassivo e sociável para com o homem;  
Cultivar o bravo e devasso selvagem  
Com sabedoria, disciplina e as artes do pensamento,  
Os adornos da vida; virtudes como estas  
Fazem a natureza humana brilhar, regeneram a alma,  
E de ferozes bárbaros<sup>27</sup> forjam homens.

Sifax: Paciência, benditos céus! Perdoai o ardor de um velho,  
O que são essas maravilhosas artes civilizadoras,  
Esse polimento romano, essa conduta suave,  
Que tornam o homem tão dócil e submisso?  
Não se destinam apenas a disfarçar as nossas paixões,  
A compor os nossos semblantes de modo contrário aos nossos  
pensamentos,  
A conter os ímpetos e os sobressaltos da alma,  
E quebrar todos os seus laços com a língua;  
Em suma, a transformar-nos em criaturas diferentes  
Do que a nossa natureza e os deuses nos destinaram?

---

<sup>25</sup> Cidade da actual Tunísia. Zama era a principal cidade da Numídia.

<sup>26</sup> O estoicismo mantinha a antiga hierarquia de bens, em que os bens do corpo (tais como a saúde, a riqueza, a beleza e a força) pertencem a uma ordem inferior aos bens da alma (tais como a prudência, a justiça, a moderação e a coragem).

<sup>27</sup> Termo pejorativo em relação a todos que não fossem romanos, usado, por vezes, em sentido figurado para descrever rivais políticos, tanto romanos, como outros.

- Juba: Para vos emudecer, ponde os vossos olhos em Catão!  
Ali podeis ver a que divina altura  
Elevaram as virtudes romanas um homem mortal.  
Por um lado, bom e justo e ansioso pelos seus amigos,  
Por outro, extremamente severo consigo mesmo;  
Renunciando ao sono, ao repouso, ao alimento e ao bem-estar,  
Ele luta apesar da sede, da fome, da fadiga e do calor;  
E quando o destino lhe oferece todas  
As pompas e prazeres que a sua alma pode almejar,  
A sua rígida virtude nenhum aceita.
- Sifax: Acreditai em mim, príncipe, não há africano  
Que atravesse os nossos vastos desertos númeras  
Em busca de presa, e que viva do seu arco,  
Que não pratique melhor essas famosas virtudes.  
Frugais são as suas refeições, consoante a sorte da caçada;  
Nas águas correntes do riacho mata a sede,  
Labuta todo o dia e, ao aproximar da noite,  
Deita-se na primeira margem acolhedora,  
Ou repousa a cabeça sobre um rochedo até ao alvorecer:  
Depois ergue-se fresco, prossegue a caça habitual,  
E se no dia seguinte acaso encontrar  
Um novo repasto, ou uma fonte ainda não saboreada,  
Abençoa as suas estrelas e considera-o um luxo.
- Juba: Os vossos preconceitos, Sifax, não distinguem  
As virtudes nascidas da ignorância das que resultam da escolha,<sup>28</sup>  
Nem como o herói difere do bruto.  
Mas admitindo que outros pudessem com igual glória  
Menosprezar os prazeres e as tentações dos sentidos;

---

<sup>28</sup> Os estóicos adoptaram a noção aristotélica de que a virtude consiste em escolher a acção correcta pelos motivos certos (ver Diógenes Laércio, *Vidas de Filósofos Ilustres* VII.89 e Aristóteles, *Ética a Nicómaco* II.4).

Onde encontraremos um homem que suporte as atribuições,  
Grande e majestoso nas suas dores, como Catão?  
Céus! Com que força, que firmeza de espírito,  
Ele triunfa no meio de todo o seu sofrimento!  
Como ele se ergue contra um fardo de infortúnios,  
E agradece aos deuses que tal peso sobre si lançam!

Sifax: É orgulho, orgulho de classe e arrogância de alma:  
Creio que os romanos lhe chamam estoicismo.<sup>29</sup>  
Se o vosso real pai não tivesse em tanto apreço  
A virtude romana e a causa de Catão,  
Não teria caído, inglório, às mãos de um escravo:  
Nem o seu exército chacinado jazeria agora  
Nas areias de África, desfigurado com as suas feridas,  
Para fartar os lobos e os abutres da Numídia.

Juba: Por que me lembrais de novo o meu pesar?  
O nome de meu pai traz lágrimas a meus olhos.

Sifax: Se os males de vosso pai vos fossem proveitosos!

Juba: Que pretendeis que eu faça?

Sifax: Abandonai Catão.

Juba: Sifax, seria mais que duas vezes órfão  
Com tamanha perda.

Sifax: Pois, há um laço que vos une!  
Desejais chamar-lhe pai. Os encantos de Márcia

---

<sup>29</sup> O estóico via-se a si mesmo como indivíduo e, simultaneamente, como parte de um desígnio mais vasto. Esta perspectiva reflecte-se numa concepção dual do progresso humano que, para os estóicos, consistia no entendimento e na contemplação do desígnio do universo, bem como na capacidade individual de agir adequadamente de acordo com a percepção correcta do seu lugar no sistema. Através da educação adequada, da disciplina e do conhecimento, o indivíduo procura alcançar a auto-suficiência, esperando assim minimizar a sua exposição ao acaso e melhor assegurar a sua felicidade colocando-a, tanto quanto possível, na esfera dos seus próprios poderes.

Operam, invisíveis, no vosso coração e intercedem por Catão.  
Não admira que estejais surdo a tudo o que digo.

Juba: Sifax, o vosso zelo torna-se importuno;  
Até aqui tenho permitido que delire,  
E fale livremente; mas aprendei a dominá-lo,  
Para que não tome mais liberdades do que as concedidas.

Sifax: Senhor, o vosso pai nunca me tratou assim.  
Infelizmente ele está morto! Mas alguma vez podeis esquecer  
As doces tristezas e as dores da natureza,  
Os ternos abraços e repetidas bênçãos,  
Que dele recebestes no vosso último adeus?  
Ainda tenho de acarinhar a querida e triste lembrança,  
Para simultâneo tortura e deleite da minha alma.  
O bom velho rei, ao despedir-se, apertou a minha mão,  
(Os olhos rasos de lágrimas) e depois suspirando implorou,  
Rogo-vos, cuidai do meu filho! A sua dor  
Tornou-se tão intensa que nada mais pôde dizer.

Juba: Que infelicidade! A vossa história entenece a minha alma!  
O melhor dos pais! Como poderei saldar  
A gratidão e o respeito que lhe devo?

Sifax: Guardando os seus conselhos no vosso coração.

Juba: Os seus conselhos ordenam-me que siga as tuas instruções:  
Então, Sifax, censurai-me do modo mais severo,  
Gritai toda a tua emoção e eu suportarei o embate,  
Calmo e tranquilo como um mar de Verão,  
Quando nem um sopro de vento aflora a sua superfície.

Sifax: Infelizmente, meu príncipe, guiar-vos-ia para a vossa segurança.

Juba: Acredito plenamente que sim, mas disse-me, como?

Sifax: Fugi do destino que persegue os inimigos de César.

Juba: Meu pai recusou-se a fazê-lo.

- Sifax: E, portanto, morreu.
- Juba: Antes morrer dez mil milhares de mortes,  
Do que ferir a minha honra.<sup>30</sup>
- Sifax: Dizei antes, o vosso amor.
- Juba: Sifax, eu prometi sofrer o meu temperamento.  
Por que instais para que eu confesse uma paixão  
Que há muito abafei e de bom grado calo?
- Sifax: Crede em mim, príncipe, é difícil conquistar o amor,  
Mas fácil desviar e quebrar a sua força:  
A ausência pode curá-lo, ou uma segunda dama  
Acender outra paixão e apagar esta.  
As ardentes damas da corte real de Zama  
Têm semblantes iluminados com mais radiosos encantos;  
O sol que faz rolar o seu coche sobre as suas cabeças,  
Traz mais fogo e rubor às suas faces:  
Estivesseis vós junto delas, meu príncipe, e depressa esqueceríeis  
As belezas pálidas e verdes<sup>31</sup> do Norte.
- Juba: Não é um conjunto de traços, ou compleição,  
O tom de uma pele, que eu admiro.  
A beleza cedo se torna familiar ao enamorado,  
Desvanecer-se ante os seus olhos e aborrece a mente.  
A virtuosa Márcia eleva-se sobre o seu sexo:  
De facto, ela é bela (ó, quão divinamente bela!),  
Mas a encantadora donzela acresce ainda aos seus encantos  
Uma grandeza interior, uma modesta sabedoria,  
E santidade de maneiras. A alma de Catão  
Rebrilha em tudo o que faz e diz,

---

<sup>30</sup> Demóstenes, o orador ateniense (384-322 a.C.) declarou: “Antes morrer mil vezes do que prestar obediência a Filipe [da Macedónia]” (*Terceira Filípica*, 65).

<sup>31</sup> Não amadurecidas pelos raios solares.

Ao mesmo tempo que uma cativante doçura e atraentes sorrisos  
Se espelham no seu rosto, e com uma graça cativante  
Suavizam o rigor das virtudes de seu pai.

Sifax: Como a vossa língua se solta ao elogiá-la!  
Mas de joelhos vos peço que considerais  
*[Entram Márcia e Lúcia]*

Juba: Ah! Sifax, não é ela? – Vem nesta direcção;  
E com ela Lúcia, a bela filha de Lúcio.  
O meu coração bata fortemente, rogo-vos Sifax, deixai-me só.

Sifax: Dez mil maldições caíam sobre ambas!  
Agora esta mulher, com um simples olhar,  
Irá desfazer o que tentei fazer todo este tempo. *[Sai]*

## Cena V

*Juba, Márcia, Lúcia*

Juba: Salve, graciosa donzela! Como a vossa beleza suaviza  
A face da guerra e faz até o horror sorrir!  
Ao ver-vos, o meu coração liberta-se de todos os desgostos;  
Sinto uma aurora de alegria a irromper sobre mim,  
E por um instante esqueço a aproximação de César.

Márcia: Magoar-me-ia pensar, jovem príncipe, que a minha presença  
Desviaria os vossos pensamentos e os debilitaria para o combate,  
Enquanto, com o ardor da matança, o nosso vitorioso inimigo,  
Vos ameaça em voz alta e vos chama para o campo de batalha.

Juba: Ó Márcia, deixai-me a esperança de que as vossas doces  
preocupações  
E gentis desejos me acompanhem na batalha!  
Tal pensamento dará novo vigor ao meu braço,  
E força e peso à minha espada ao atacar,  
E guiá-la-á tempestuosamente sobre o inimigo.

- Márcia: As minhas preces e os meus desejos sempre servirão  
Os amigos de Roma, a gloriosa causa da virtude,  
E os homens aprovados pelos deuses e por Catão.
- Juba: Que Juba seja merecedor dos vossos piedosos cuidados,  
Contemplarei sempre o vosso quase divino pai,  
Transferindo uma por uma, para a minha vida,  
As suas esplendorosas perfeições, até que brilhe como ele.
- Márcia: Meu pai nunca, numa altura como esta,  
Exporia a sua alma com palavras, nem perderia  
Tão preciosos momentos.
- Juba: As vossas censuras são justas,  
Virtuosa donzela; Corro para junto das minhas tropas,  
E incendiarei as suas lânguidas almas com a virtude de Catão.  
Se alguma vez os comandar no campo, quando todo  
O exército se apresentar devidamente ordenado para a batalha,  
Com a sua terrível pompa, então pensarei em vós!  
Ó encantadora donzela! Então pensarei em vós!  
E no choque de hostes atacantes, lembrai-vos  
Que feitos gloriosos deveriam ornar o homem que aspira  
Pelo amor de Márcia. *[Sai]*

## Cena VI

*Lúcia, Márcia*

- Lúcia: Márcia, sois demasiado severa:  
Como pudestes admoestar o jovem e bondoso príncipe,  
E afastá-lo de vós com um ar tão austero;  
Um príncipe que vos ama e idolatra até à morte?
- Márcia: É por isso, Lúcia que o repilo:  
O ar, a voz, a aparência e a sua alma honesta,  
Falam de modo tão tocante em seu favor,  
Que não me atrevo a confiar em mim ao ouvi-lo falar.

- Lúcia: Por que lutais contra uma tão doce paixão,  
E negais ao vosso coração um tal mundo de encantos?
- Márcia: Como, Lúcia! Preferíeis que mergulhasse  
Em sonhos felizes e me perdesse em devaneios amorosos,  
Quando a cada instante a vida de Catão está em risco?  
César vem armado de terror e vingança,  
E aponta o seu raio à cabeça de meu pai:  
Não deveria a triste ocasião absorver  
As minhas demais ansiedades e nela se concentrar?
- Lúcia: Por que não tenho esta constância de espírito,  
Com tantas mágoas para pôr à prova a sua força?  
Decerto a Natureza formou-me no seu mais suave molde,  
Debilitou toda a minha alma com ternas paixões,  
E colocou-me mesmo abaixo do meu próprio sexo fraco:  
Piedade e amor oprimem alternadamente o meu coração.
- Márcia: Lúcia, aliviái as vossas inquietações junto de mim,  
E deixai-me partilhar o vosso mais recôndito desgosto;  
Dizei-me, quem provoca este conflito em vós?
- Lúcia: Não necessito de enrubescer ao nomeá-los, quando vos disser  
Que eles são os irmãos de Márcia e os filhos de Catão.
- Márcia: Ambos vos vêm com os olhos desta sua irmã;  
E com frequência me revelaram a sua paixão por vós.  
Mas dizei-me, qual deles preferis;  
Anseio por sabê-lo e, no entanto, temo ouvi-lo.
- Lúcia: Qual desejaríeis que fosse, Márcia?
- Márcia: Nenhum;  
E, todavia, ambos; os dois jovens têm igual quinhão  
Dos desejos de Márcia e dividem a sua irmã:  
Mas dizei-me, qual deles é a escolha de Lúcia?
- Lúcia: Márcia, tenho ambos em alta estima,

Mas o meu amor, por que me obrigais a nomeá-lo?  
Sabeis que se trata de uma paixão cega e tola,  
Contente e desgostosa com não se sabe o quê.

Márcia: Ó Lúcia, estou perplexa. Ó, dizei-me a qual  
Devo chamar a partir de agora o meu feliz irmão?

Lúcia: Suponhamos que era Pórcio, poderíeis censurar a minha escolha?  
– Ó Pórcio, roubastes-me a minha alma!  
Com que graciosa ternura ele ama!  
E profere os mais gentis e sinceros votos!  
Complacência e verdade e muita varonil doçura  
Sempre habitam a sua língua e suavizam os seus pensamentos.  
Marcos exalta-se, as suas ternas queixas  
Estão imbuídas de tanta honestidade e paixão,  
Que o oiço com um secreto horror,  
E tremo perante a veemência do seu temperamento.

Márcia: Infelizmente, pobre jovem! Como podeis repudiá-lo?  
Lúcia, vós não conheceis metade do amor que ele sente por vós;  
Sempre que fala de vós, o coração incendeia-se-lhe,  
E põe toda a sua alma em cada palavra,  
E pensa, e fala, e parece ficar em extâse.  
Infeliz jovem! Como a vossa frieza provoca  
Tempestades e tormentas no seu peito aflito!  
Temo pelas consequências.

Lúcia: Pareceis tomar partido  
Contra vosso irmão Pórcio.

Márcia: Que os céus me defendam!  
Tivesse Pórcio sido o pretendente rejeitado,  
Cobri-lo-ia de igual compaixão.

Lúcia: Alguma vez um amor virgem suscitou tamanha angústia como o  
meu!  
O próprio Pórcio frequentemente cai em pranto perante mim,

Como se lamentasse a desventura do seu rival,  
Depois suplica-me que esconda os ímpetos do meu coração,  
E que não revele para que lado tende. De tal modo receia  
Os tristes efeitos que poderá ter em Marco.

Márcia: Ele sabe demasiado bem como ele se altera facilmente,  
E não quer lançar o irmão no desespero,  
Espera, antes, por tempos mais felizes, momentos mais propícios.

Lúcia: Ai de mim! Tarde demais me vejo envolvida  
Em infinito sofrimento e labirintos de mágoa,  
Nascidos para angustiar a família da minha Márcia,  
E semear a discórdia em corações fraternos.  
Pensamento atormentador! Dilacera a minha alma.

Márcia: Lúcia, não agravemos as nossas mágoas,  
Deixemos aos deuses o desfecho das coisas.  
As nossas vidas, descoloridas pelos nossos actuais pesares,  
Podem ainda tornar-se alvas e sorrir com horas mais venturosas.  
Assim como o puro e límpido riacho, quando turvo com manchas  
De torrentes impetuosas e chuvas copiosas,  
Se esforça por aclarar e, ao correr, se apura;  
Até que, gradualmente, o espelho flutuante brilha,  
Reflecte cada flor que cresce na margem,  
E um novo céu exhibe à sua bela superfície. [*Saem*]

## ACTO II

### Cena I

*O Senado*

*Semprônio, Lúcio*

Semprônio: Roma ainda sobrevive neste senado reunido!  
Lembremo-nos de que somos os amigos de Catão,  
E procedamos como homens dignos de tão glorioso título.

Lúcio: Catão em breve estará aqui e revelará  
O motivo da nossa reunião. Escutai! Ei-lo que chega!  
*[Ouvem-se trombetas]*  
Que todos os deuses guardiães de Roma o guiem!

*Entra Catão*

Catão: Senadores, mais uma vez nos encontramos em conselho.  
A aproximação de César a todos nos convocou,  
E Roma cumpre o seu destino com base nas nossas decisões:  
Como devemos lidar com este homem audaz e ambicioso?  
O sucesso teima em acompanhá-lo e protege-o dos seus crimes;  
Farsália deu-lhe Roma; desde então o Egito  
Recebeu a sua canga e todo o Nilo pertence a César.  
Por que mencionaria eu o derrube de Juba,  
E a morte de Cipião?<sup>32</sup> As areias escaldantes da Numídia  
Ainda fumegam com sangue. É tempo de decidirmos  
Que rumo tomar. O nosso inimigo avança sobre nós,  
E cobiça-nos até os desertos sufocantes da Líbia.  
Senadores, dai voz aos vossos pensamentos: ainda estão  
determinados

---

<sup>32</sup> Quinto Cecílio Metelo Pio Cípio (95 – 46 a.C.) foi aliado de Pompeia contra César. Governador da Síria de 49 a 48 a.C., também comandou o centro de Farsalo, tendo fugido para África depois da batalha. Após a sua derrota em Tapso, fugiu por mar, acabando por se suicidar para evitar ser capturado.

A resistir e a combater até ao derradeiro instante?  
Ou acabaram os vossos corações por se vergar e aceitar,  
Com o tempo e o insucesso, a rendição?  
Falai, Semprónio.

Semprónio: A minha voz continua a favor da guerra.

Deuses, pode um senado romano tão longamente debater  
Qual dos dois escolher, a escravidão ou a morte!  
Não; ergamo-nos de imediato, cinjamos as nossas espadas,  
E à frente das tropas que nos restam,  
Ataquemos o inimigo, quebrems as cerradas fileiras  
Das suas legiões aglomeradas e carreguemos sobre ele.  
Talvez algum braço, mais ditoso do que os outros,  
Consiga atingir o seu coração e libertar o mundo do seu jugo.  
Erguei-vos, senadores, erguei-vos! É Roma que reclama o vosso  
auxílio;  
Erguei-vos e vingai os seus cidadãos assassinados,  
Ou partilhai o seu destino! Os cadáveres de metade do senado  
Adubam os campos de Tessália, enquanto nós  
Aqui sentados, deliberamos em frios debates,  
Se devemos sacrificar as nossas vidas à honra,  
Ou vivê-la em servidão e grilhetas.  
Cobrai ânimo, tende vergonha! Os nossos irmãos de Farsália  
Apontam para as suas feridas e clamam bem alto: Às armas!  
O espírito do grande Pompeu lastima a nossa lentidão;  
E o fantasma de Cipião passeia entre nós aguardando vingança!

Catão: Não permitis que uma torrente de impetuoso zelo  
Vos transporte para além dos limites da razão:<sup>33</sup>  
A verdadeira coragem vê-se em grandes feitos,

---

<sup>33</sup> A propósito do espírito partidário ou de facção, Addison, em *Spectator*, nº 125, 24 de Julho de 1711, aponta os perigos de os homens se deixarem levar por paixões violentas contra os inimigos do momento e, citando Plutarco, *Moralia*, 91, afirma que tal conduta pode enraizar-se e atingir de igual modo os amigos.

Que a justiça autoriza e a sabedoria orienta,  
Tudo o mais é violento delírio e loucura.  
Não estão as vidas dos que desembainham a espada  
Em defesa de Roma confiadas à nossa guarda?  
Se as comandarmos, então, para um campo de chacina,  
Não dirá o mundo imparcial com razão  
Que, pela nossa morte, fomos pródigos com o sangue de milhares,  
Para exaltar a nossa queda e tornar a nossa ruína gloriosa?  
Lúcio, gostaríamos de, em seguida, conhecer a vossa opinião.

Lúcio: Os meus pensamentos, devo confessar, pendem para a paz.  
As nossas disputas já encheram o mundo  
De viúvas e órfãos: a Cítia<sup>34</sup> chora  
As nossas culposas guerras e as regiões mais remotas da terra  
Estão meio despovoadas devido aos feudos de Roma:  
É tempo de embainhar a espada e poupar humanidade.  
Não é César, mas os deuses, senadores,  
Os deuses que se declararam contra nós e repelem  
As nossas vãs tentativas. Instigar o inimigo para a batalha  
(Movido por cega vingança e violento desespero,)  
Seria recusar as benesses da Providência,  
E não confiar nos ditames dos céus.  
Já demonstrámos o nosso amor a Roma,  
Agora mostremos a nossa obediência aos deuses.  
Pegámos em armas, não para nos vingarmos,  
Mas para libertar a república; falhado este objectivo,  
As armas já de nada servem: a causa da nossa pátria,  
Que desembainhou as nossas espadas, agora arranca-as das nossas  
mãos,

---

<sup>34</sup> A parte norte e este do império romano, indo do Danúbio ao Don, Cáucaso e Volga, frequentemente utilizada figurativamente para representar as zonas mais distantes e menos civilizadas do império.

E ordena que não nos deleitemos com o sangue romano,  
Indevidamente derramado. O que os homens podiam fazer,  
Já está feito: os céus e a terra serão testemunhas,  
Se Roma tiver de cair, que estamos inocentes.

Semprônio: Este suave discurso e esta conduta volúvel muitas vezes  
Encobrem um traidor – algo me sussurra  
Tudo está errado – Catão, acautela-te de Lúcio. [*Aparte para Catão*]

Catão: Não pareçamos nem precipitados, nem temerosos:  
Valentia imoderada converte-se em erro,  
E medo, admitido em conselhos públicos,  
Confunde-se com traição. Vamos evitar ambos.  
Senadores, não consigo achar que a nossa situação  
Esteja assim tão desesperada: temos baluartes em nosso redor;  
Adentro das nossas muralhas estão tropas habituadas a combater  
Sob o calor africano e temperadas pelo sol;  
O vasto reino da Numídia está à nossa retaguarda,  
Pronto a levantar-se em armas ao chamamento do seu jovem  
príncipe.  
Enquanto há esperança, não duvidemos dos deuses;  
Esperemos, pelo menos, até que a proximidade de César  
Nos force a capitular. Nunca será demasiado tarde  
Para solicitar as algemas e submetemo-nos a um conquistador.  
Por que deveria Roma cair antes do seu tempo?  
Não, prolonguemos o nosso prazo de liberdade  
Até ao máximo, dilatemo-lo até ao limite,  
Assim ganharemos mais um dia de liberdade;  
E depois deixem-me morrer, mas para Catão,  
Um dia, uma hora de virtuosa liberdade  
Vale bem uma eternidade em servidão.

*Entra Marco*

- Marco: Senadores, neste momento, quando eu vigiava as portas<sup>35</sup>  
Do meu posto, um arauto chegou  
Do aquartelamento de César, e com ele vem o velho Décio,  
O cavaleiro romano; traz no semblante  
Impaciência e exige falar com Catão.
- Catão: Com vossa licença, senadores, convidai-o a entrar. [*Sai Marco*]  
Décio foi, outrora, meu amigo, mas outras expectativas  
Enfraqueceram esses laços e aproximaram-no muito de César.  
A sua mensagem pode determinar as nossas decisões.

**Cena II**

*Décio, Catão*

- Décio: César saúda Catão.
- Catão: Pudesse ele dar saúde<sup>36</sup>  
Aos amigos de Catão assassinados, seria bem-vindo.  
Não tendes ordens para vos dirigirdes ao senado?
- Décio: A minha incumbência é com Catão: César vê  
Os apuros em que vos encontrais; e como conhece  
O elevado mérito de Catão, anseia pela sua vida.
- Catão: A minha vida está cravada no destino de Roma:  
Ele quer salvar Catão? Pedi-lhe para poupar a sua pátria.  
Dizei ao vosso ditador o seguinte: e dissei-lhe que Catão  
Desdenha a vida que ele não tem poder para oferecer.
- Décio: Roma e os seus senadores renderam-se a César;  
Os seus generais e os seus cônsules já não existem,

---

<sup>35</sup> Portas da cidade.

<sup>36</sup> Trocadilho entre saudar, isto é, enviar votos de saúde, e dar saúde a alguém.

Para lhe evitar as conquistas e negar-lhe os seus triunfos.<sup>37</sup>  
Porque não poderá Catão ser amigo deste César?

Catão: Essas mesmas razões que invocastes mo proibem.

Décio: Catão, tenho ordens para debater  
E argumentar convosco, de amigo para amigo:  
Pensai na tormenta que paira sobre a vossa cabeça,  
E ameaça abater-se sobre ela a toda a hora;  
Podereis continuar a gozar de elevadas honras na vossa pátria,  
Basta aceitar e fazer a paz com César.  
Roma rejubilará e olhará para Catão,  
Como o segundo de toda a humanidade.

Catão: Basta!  
Não devo pensar na vida sob tais condições.

Décio: César conhece bem a vossas virtudes,  
E, portanto, avalia assim a vossa vida:  
Dai-lhe a conhecer o preço da amizade de Catão.  
E nomeai os vossos termos.

Catão: Dizei-lhe para dispensar as suas legiões,  
Devolver a liberdade à república,  
Submeter os seus actos à censura pública,  
E aceitar o julgamento de um senado romano:  
Dizei-lhe para assim proceder e Catão será seu amigo.

---

<sup>37</sup> A entrada em Roma de um comandante vitorioso com o seu exército e o seu espólio em procissão solene. A licença para o triunfo era outorgada pelo Senado em reconhecimento dos feitos em guerras estrangeiras. A César foi outorgado um triunfo em 60 a.C., mas foi obrigado a permanecer fora da cidade até ao dia marcado para o triunfo. César teve de escolher entre receber o seu triunfo e entrar na cidade de modo a declarar a sua candidatura para o consulado (59 a.C.). César enviou uma petição ao Senado para solicitar o cargo *in absentia*. Enquanto o Senado parecia disposto a aceder ao pedido de César, a forte oposição de Catão acabou por forçar César a renunciar ao triunfo para apresentar pessoalmente a sua candidatura ao consulado.

- Décio: Catão, o mundo louva a vossa sabedoria.
- Catão: Não, embora a voz de Catão nunca tenha servido  
Para limpar culpados e envernizar crimes,  
Eu próprio subiria ao púlpito em sua defesa,  
E envidaria obter o seu perdão do povo.
- Décio: Tal estilo é próprio de um conquistador.
- Catão: Décio, tal estilo é próprio de um romano.
- Décio: O que é um romano que é inimigo de César?
- Catão: Mais do que César: ele é amigo da virtude.
- Décio: Ponderai, Catão, estais em Útica,  
E à frente do vosso pequeno senado;  
Agora não vociferais no Capitólio,  
Com todas as bocas de Roma a secundar-vos.
- Catão: Deixai-o considerar quem nos conduziu até aqui:  
Foi a espada de César que tornou o senado de Roma pequeno,  
E enfraqueceu as suas fileiras. Infelizmente, os vossos olhos  
ofuscados  
Vêm esse homem a uma falsa luz brilhante,  
Que a conquista e o sucesso projectaram sobre ele;  
Pudésseis vós vê-lo correctamente, vê-lo-íeis negro  
De assassínio, traição, sacrilégio e crimes  
Que ferem a minha alma só com o horror de os nomear.  
Sei que olhais para mim como um miserável  
Cercado pelo sofrimento e coberto de infortúnios;  
Mas, juro pelos deuses, milhões de mundos  
Nunca me comprariam para ser como César.
- Décio: É esta a resposta que Catão envia a César?  
Apesar da sua generosa solicitude e professa amizade?
- Catão: A sua solicitude por mim é insolente e vã:  
Homem presunçoso! Os deuses olharão por Catão.

Se César deseja mostrar a sua grandeza de alma,  
Pedi-lhe para a dedicar a estes meus amigos,  
E fazendo bom uso do seu poder usurpado,  
Acolher homens muito superiores a ele próprio.

Décio: O vosso coração tão inamovível faz-vos esquecer  
Que sois um homem. Correis para a vossa destruição.  
Mas terminei. Quando, mais tarde, relatar  
A história desta infeliz embaixada,  
Toda a Roma ficará em pranto. [*Sai Décio*]

### Cena III

*Semprônio, Lúcio, Catão*

Semprônio: Catão, agradecemos-vos.

O poderoso génio de Roma imortal  
Fala pela vossa voz, a vossa alma respira liberdade:  
César tremerá ao ouvir as palavras por vós proferidas,  
E sentirá temor no meio das suas conquistas.

Lúcio: O senado expressa a sua gratidão a Catão,  
Que, com tamanha grandeza de alma, pondera a sua segurança,  
E guarda as nossas vidas, enquanto despreza a sua própria vida.

Semprônio: Semprônio não agradece a este propósito.

Lúcio parece apreciar a vida; mas o que é a vida?  
Não é para vaguear e apanhar ar fresco  
De tempos a tempos, ou contemplar o sol;  
É ser livre. Perdida a liberdade,  
A vida torna-se insípida, e perdeu o seu sabor.  
Ó, pudesse a minha mão moribunda cravar uma espada  
No peito de César e vingar a minha pátria,  
Pelos céus, as penas da morte seriam bem-vindas,  
E sorriria em agonia.

Lúcio: Outros, talvez,  
Podem servir a pátria com igual zelo ardente,

Embora não seja inflamado com tamanha raiva.

Semprônio: Esta sóbria conduta é uma poderosa virtude  
Em frouxos patriotas.

Catão: Vamos. Basta, Semprônio,  
Todos aqui são amigos de Roma e uns dos outros.  
Não debilitemos mais a parte mais fraca  
Com as nossas diferenças.

Semprônio: Catão, que os meus ressentimentos  
Sejam sacrificados por Roma; mereço censura.

Catão: Senadores, é tempo de tomar uma decisão.

Lúcio: Catão, todos nós concordamos convosco.  
A conduta de César convenceu o senado  
Devemos mantê-lo até à chegada dos termos.<sup>38</sup>

Semprônio: Nós devíamos mantê-lo até à morte; mas Catão,  
A minha voz singular dilui-se na do senado.

Catão: Então ergamo-nos, meus amigos, e esforcemo-nos por preencher  
Este breve intervalo, esta pausa de vida,  
(Enquanto ainda a nossa liberdade e os nossos destinos são  
duvidosos,  
Com firmeza, amizade, coragem romana,  
E todas as virtudes que possamos reunir;  
Que os céus possam declarar que deve ser prolongado.  
  
Senadores, adeus. O jovem príncipe núpida  
Aproxima-se e espera conhecer as nossas deliberações.

---

<sup>38</sup> Os termos da paz tal como enunciados por Catão e os seus apoiantes (cf. A fala de Catão em II, 3).

## Cena IV

*Catão, Juba*

- Catão: Juba, o senado romano decidiu,  
Até o tempo oferecer melhores perspectivas, manter  
A espada desembainhada, com o gume virado para César.
- Juba: A decisão é digna de um senado romano.  
Mas, Catão, dispensai-me um pouco a vossa paciência,  
E condescendei em ouvir um jovem falar.  
Meu pai, poucos dias antes da sua morte,  
Ordenou-me que marchasse em defesa de Útica,  
(Infelicidade! Não julgava estar a sua morte tão próxima!)  
Derramou lágrimas sobre mim, apertou-me nos seus envelhecidos  
braços,  
E, cedendo ao sofrimento, disse: Meu filho,  
Qualquer que seja o destino reservado a teu pai,  
Sê amigo de Catão, ele preparar-te-á para grandes  
E virtuosos feitos: observa-o bem,  
Escaparás ao infortúnio, ou aprenderás a suportá-lo.
- Catão: Juba, o vosso pai era um valoroso príncipe,  
E merecia, infelizmente, melhor destino;  
Mas o céu pensou de outro modo.
- Juba: O destino de meu pai,  
Apesar de toda a coragem que brilha  
Perante mim, com o grandioso exemplo de Catão,  
Subjuga a minha alma e enche os meus olhos de lágrimas.
- Catão: É um sincero desgosto e fica-vos bem.
- Juba: Meu pai granjeou o respeito de climas estrangeiros:  
Os reis de África procuravam a sua amizade;  
Reis longínquos que governam, como narra a fama,  
Para lá das escondidas fontes do Nilo,

Em mundos distantes, do outro lado do sol:  
Com frequência enviaram os seus negros embaixadores,  
Que, carregados de dádivas, encheram as cortes de Zama.

Catão: Não me é desconhecida a grandeza de vosso pai!

Juba: Não invocaria a grandeza de meu pai,  
Senão para sugerir novas alianças a Catão.  
Não deveríamos abandonar esta Útica,  
Para armar a Numídia para a nossa causa e obter  
O auxílio dos poderosos amigos de meu pai?  
Conhecessem os nossos remotos reis Catão  
E multidões armadas até ele acorreriam;  
Estas hostes tisanadas escureceriam todas as nossas planícies,  
Duplicando o horror nativo pela guerra,  
E tornando a morte mais terrível.

Catão: E conseguis pensar  
Que Catão fugirá ante a espada de César?  
Reduzido, como Aníbal<sup>39</sup>, a procurar socorro  
De corte em corte, deambulando, de um lado para o outro,  
Como um vagabundo em África!

Juba: Catão, porventura  
Sou demasiado intrometido; mas o meu primeiro cuidado  
Era de bom grado preservar uma vida tão valiosa.  
O meu coração fica dilacerado ao ver tamanha virtude  
Atormentada pelo peso de tais infelicidades.

Catão: Estou-vos muito grato pela vossa nobreza de alma.  
Mas sabei, jovem príncipe, que o heroísmo se eleva acima  
Do que o mundo designa por infortúnio e tribulação.  
Estes não são males; ou nunca recairiam

---

<sup>39</sup> Aníbal (247-182 a.C.) foi um general cartaginês que Cipião o Africano, derrotou em 202 a.C., na batalha de Zama.

Sobre os primeiros favoritos dos céus, ou sobre os melhores  
homens:

Os deuses, generosamente, lançam tempestades sobre nós,  
Dando à humanidade a ocasião de exercer  
A sua força interior e pôr em prática  
Virtudes que se afastam do dia e permanecem ocultas  
Nas estações mais suaves e na bonança da vida.

Juba: Fico fascinado sempre que falais; anelo pela virtude  
E toda a minha alma aspira à perfeição.

Catão: Amais as vigílias, a abstinência e o trabalho árduo,  
Todas elas virtudes penosas? Aprendei-as com Catão:  
Sucesso e fortuna deveis aprender com César.

Juba: A maior fortuna que Juba pode receber,  
Todo o sucesso a que o meu coração aspira,  
Depende de Catão.

Catão: Que diz Juba?  
As vossas palavras confundem-me.

Juba: De bom grado as retiraria.  
Devolvei-mas de novo: elas nada pretendem.

Catão: Dizei-me o vosso desejo, jovem príncipe; não trateis o meu  
ouvido  
Como um estranho aos vossos pensamentos.

Juba: Ó! São extravagantes;  
Permiti que os oculte.

Catão: O que pode Juba pedir  
Que Catão possa recusar?

Juba: Receio nomeá-lo.  
Mércia herdou todas as virtudes de seu pai.

Catão: Que dizeis?

Juba: Catão, tendes uma filha.

Catão: Adeus, jovem príncipe; não escutarei nem uma palavra  
Que possa diminuir a minha estima por vós: lembrai-vos,  
A mão do destino está sobre nós, e o céu  
Exige severidade em todos os nossos pensamentos.  
Não é altura, agora, para falar de trivialidades,  
Mas sim de grilhetas, ou conquista, liberdade ou morte.

## Cena V

*Sifax, Juba*

Sifax: Que se passa, meu príncipe? O quê! Coberto de vergonha?  
Estais com aspecto de quem foi repreendido  
Pelo vosso severo filósofo.

Juba: Sifax, estou aniquilado!

Sifax: Sei isso bem.

Juba: Catão acha-me ignóbil.

Sifax: Assim como toda a humanidade achará.

Juba: Abri-lhe  
A fraqueza da minha alma, o meu amor por Márcia.

Sifax: Catão é mesmo a pessoa indicada para confessar  
Uma história de amor!

Juba: Ó! Pudesse eu trespassar o meu coração,  
O meu louco coração! Houve alguém tão desgraçado como Juba?

Sifax: Ai, meu príncipe, como tendes mudado ultimamente!  
Recordo-me do jovem Juba se erguer antes do sol,  
Para bater o mato, onde o tigre dormia,  
Ou procurar o leão nos seus terríveis antros:  
Como a cor subia às vossas faces,  
Quando, primeiro, o levantavas para a caça! Vi-vos,

Mesmo nos dias de canícula, persegui-lo até ao fim,  
Depois carregar sobre ele, provocar-lhe a raiva  
De presas e garras e inclinando-vos do vosso cavalo  
Cravar a fera arfante ao solo.

Juba: Rogo-vos, basta.

Sifax: Como o velho rei sorria,  
Ao ver-vos sopesar as patas quando recompensado com ouro,  
E lançar os despojos de pele aos vossos ombros!

Juba: Sifax, essa conversa de velho (ainda que o mel brotasse  
De cada palavra) perderia agora toda a sua doçura.  
Catão está ofendido e Márcia perdida para sempre.

Sifax: Jovem príncipe, eu ainda vos podia dar bons conselhos.  
Márcia ainda pode ser vossa.

Juba: Que dizeis, Sifax?  
Pelos céus, despertastes toda a minha atenção.

Sifax: Márcia ainda pode ser vossa.

Juba: E como, caro Sifax?

Sifax: Juba comanda as audazes tropas númeras,  
Montadas em corcéis, não habituados a represões  
De barbelas e freios, e mais velozes do que os ventos:  
Dai a ordem que nós raptamos a donzela,  
E levamo-la para bem longe.

Juba: Como podem pensamentos tão desonestos  
Despertar num homem! Pretendes aliciar a minha juventude  
A praticar um acto que destruiria a minha honra?

Sifax: Deuses! Tenho vontade de arrancar a minha barba ao ouvir-vos  
falar!

A honra é um belo conceito imaginário,  
Que induz homens rudes e inexperientes  
A praticar reais injúrias enquanto perseguem uma sombra.

- Juba: Degradaríeis o vosso príncipe transformando-o num biltre?
- Sifax: Os tão famosos ancestrais destes grandes homens,  
Cujas virtudes admirais, foram todos uns biltres.  
Este terror entre as nações, esta Roma todo-poderosa,  
Que abrange entre as vastas fronteiras do seu império  
Toda a terra sob os céus, foi fundada com um rapto.  
Os vossos Cipiões, Césares, Pompeus e os vossos Catões,  
(Estes deuses na terra) são todos espúrios descendentes  
De donzelas violadas, de sabinas raptadas.<sup>40</sup>
- Juba: Sifax, temo que essa vossa cabeça grisalha  
Esteja demasiado cheia das nossas manhas númeras.
- Sifax: Na verdade, meu príncipe, quereis conhecer o mundo;  
Ainda não desvendastes a humanidade; a vossa juventude admira  
A luta agónica de uma excelsa alma romana,  
Os arrojados voos de Catão, a extravagância da virtude.
- Juba: Se o conhecimento do mundo torna os homens pérfidos,  
Que Juba possa sempre viver em ignorância!
- Sifax: Ide, ide; sois jovem.
- Juba: Deuses, devo eu docilmente suportar  
Esta arrogância sem resposta! Sois um traidor,  
Um falso e velho traidor.
- Sifax: Fui demasiado longe. *[Aparte]*
- Juba: Catão saberá da baixeza da vossa alma.
- Sifax: Tenho de apaziguar esta tormenta, ou morrer por ela. *[Aparte]*

---

<sup>40</sup> De acordo com a lenda, depois de Rómulo ter fundado Roma, ele e os seus homens precisavam de esposas. Assim, convidaram as mulheres sabinas para uma festa e raptaram-nas. Este episódio provocou a guerra das sabinas. No acordo de paz, Tito Tácio, o chefe sabino, foi convidado a partilhar o poder com Rómulo, que, mais tarde, o matou.

Jovem príncipe, olhai estas madeixas que se tornaram alvas  
Sob um elmo nas batalhas de vosso pai.<sup>41</sup>

Juba: Essas madeixas nunca vos protegerão da vossa insolência.

Sifax: Deve uma palavra precipitada, a enfermidade da idade,  
Destruir o mérito dos meus melhores anos?  
É esta a recompensa de toda uma vida de serviço!  
Maldito seja o rapaz! Com que firmeza me ouve! *[Aparte]*

Juba: É porque o trono dos meus antepassados  
Permanece vazio e a coroa da Numídia  
Paira ainda indecisa sobre que cabeça deverá cingir,  
Que presumis poder tratar o vosso príncipe com desprezo?

Sifax: Por que me rasgais o coração com tais expressões?  
O velho Sifax não vos acompanha na guerra?  
Com que objectivos? Porque carrega ele de dardos  
A sua mão tremente e esmaga sob o elmo  
A sua frente enrugada? A que aspira ele?  
Não será para derramar os morosos restos,  
As suas derradeiras gotas de sangue em vossa defesa?

Juba: Sifax, basta! Não ouvirei as vossas palavras.

Sifax: Não me quereis ouvir! Pois quê, quando a minha lealdade a Juba,  
O filho do meu real senhor, é posta em causa?  
O meu príncipe pode matar-me e eu emudecerei:  
Mas enquanto viver, não devo calar-me,  
Nem definhar na velhice sofrendo o seu desagrado.

Juba: Sabeis demasiado bem o caminho para o meu coração,  
Creio-vos leal para com o vosso príncipe.

---

<sup>41</sup> George Washington parafraseou estas linhas ao dirigir-se aos oficiais amotinados em Newburgh, em 1783.

- Sifax: Que melhor prova posso dar? Ofereci-me  
Para uma acção que a minha alma abomina,  
E trazer-vos aquela que amais a qualquer preço.
- Juba: Foi esse o vosso motivo? Precipitei-me.
- Sifax: E por isso o meu príncipe chamou-me traidor.
- Juba: Enganai-vos, decerto; não vos chamei tal.
- Sifax: De facto, meu príncipe, chamastes-me traidor:  
Mais, ameaçastes queixar-vos a Catão.  
De quê, meu príncipe, vos queixaríeis a Catão?  
De que Sifax vos ama e sacrificaria  
A sua vida, mais, a sua honra ao vosso serviço.
- Juba: Sifax, sei que me amais, mas de facto  
O vosso zelo por Juba levou-vos longe demais.  
A honra é um laço sagrado, a lei dos reis,  
A perfeição que distingue uma nobre mente,  
Que auxilia e fortalece a virtude quando a encontra,  
E imita as suas acções, onde não a há:  
Não é algo com que se brinque.
- Sifax: Pelos céus,  
Fico maravilhado quando assim falais, embora me censurais!  
Infelizmente até hoje estava habituado a considerar  
Ser o zelo rigoroso e cego para servir o meu rei  
O princípio determinante que deveria queimar  
E sufocar todos os outros no coração de um súbdito.  
Felizes os que preservam a sua honra  
Segundo os mesmos deveres que obrigam o seu príncipe!
- Juba: Sifax, agora começais a falar como vos é próprio.  
A Numídia tornou-se alvo de desprezo entre as nações  
Pela quebra de promessas públicas. A nossa fé púnica<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Ausência de fé; os romanos consideravam os cartagineses traidores.

É infame e transformou-se em provérbio.  
Sifax, uniremos os nossos esforços para expurgar  
Os crimes da nossa pátria e limpar a sua reputação.

Sifax: Acreditai em mim, meu príncipe, fazeis chorar o velho Sifax  
Ao ouvir-vos falar, mas são lágrimas de júbilo.  
Se alguma vez a coroa de vosso pai adornar a vossa frente,  
A Numídia será abençoada com os ensinamentos de Catão.

Juba: Sifax, a vossa mão! Mutuamente esqueceremos  
O ardor da juventude e a franqueza da idade:  
O vosso príncipe estima o vosso mérito e ama a vossa pessoa.  
Se, alguma vez, o ceptro vier à minha mão,  
Sifax será o segundo do reino.

Sifax: Porque inundais a minha idade de gentileza?  
O júbilo oprime-me, não o suportarei.

Juba: Sifax, adeus, irei tentar encontrar  
Alguma abençoada ocasião que me possa reabilitar  
Nos pensamentos de Catão. Preferia desse homem  
A aprovação dos meus feitos a mundos dos meus admiradores.

*Sifax, a sós*

Os jovens tanto dão como esquecem as afrontas;  
A velhice é lenta em ambos os casos. Um falso, velho traidor!  
Aquelas palavras, rapaz precipitado, podem custar-te caro.  
O meu coração ainda albergava algum tolo afecto por ti:  
Mas, fora! Desapareceu: lanço-o aos ventos.  
César, sou todo vosso.

## Cena VI

*Sifax, Semprónio*

Sifax: Saúdo-vos, Semprónio!  
Bem, o senado de Catão está decidido a esperar  
A fúria de um cerco antes de se render.

Semprónio: Sifax, estamos ambos pendentes do destino:  
Lúcio declarou-se a favor da paz e foram oferecidos termos  
A Catão pelo mensageiro de César.  
Se eles se renderem antes de os nossos desígnios estarem prontos,  
Ambos iremos perecer no comum naufrágio,  
Perdidos na geral e indistinta ruína.

Sifax: Mas o que pensa Catão?

Semprónio: Vós vistes o monte Atlas:<sup>43</sup>  
Enquanto tormentas e tempestades ribombam nas suas faldas,  
E os oceanos quebram as vagas a seus pés,  
Ela permanece serena e vangloria-se da sua altura.  
Assim é o homem arrogante: a sua alma altaneira,  
Entre todos os choques e injúrias do destino,  
Ergue-se superior e menospreza César.

Sifax: Mas quem é esse mensageiro?

Semprónio: Já lidei com ele,  
E arranjei meios de fazer saber ao conquistador  
Que Sifax e Semprónio são amigos.  
Mas, permiti que agora pergunte eu:  
Está Juba decidido?

Sifax: Sim, mas a apoiar Catão.  
Tentei persuadi-lo com todos os argumentos,  
Acalmei-o, acarinhei-o, mostrei-me irado, acalmei-o de novo,  
Fiz-lhe ver a segurança, a vida, os seus interesses,  
Mas tudo em vão, tudo rejeita por Catão.

Semprónio: Vinde, não interessa, passaremos sem ele.  
Fará uma linda figura num triunfo,

---

<sup>43</sup> Cadeia montanhosa no Noroeste africano, situado no território que actualmente corresponde a Marrocos, à Algéria e à Tunísia. O Atlas era a fronteira oeste da Numídia.

E servirá para tropeçar ante o carro do conquistador.  
Sifax, espero que tenhais, agora, abandonado  
A causa de Juba e desejeis Márcia para mim.

Sifax: Que ela seja vossa tão depressa o deseiais!

Semprônio: Sifax, amo aquela mulher, embora a amaldiçoe,  
A ela e a mim próprio, apesar de tudo, amo-a.

Sifax: Assegurai-vos de Catão, entregai Útica,  
Que César não vos negará tal ninharia.  
Mas estão as vossas tropas preparadas para a revolta?  
A sedição contagia homem após homem,  
E percorre as fileiras?

Semprônio: Está tudo, tudo a postos.  
Os chefes das facções são nossos amigos, que espalham  
Murmúrios e descontentamento entre os soldados.  
Contam as suas árduas marchas, as longas fadigas,  
Os jejuns inusitados e não apoiarão mais  
Essa miscelânea de filosofia e guerra.  
Dentro de uma hora eles atacam a casa do senado.

Sifax: Entretanto alinharei as minhas tropas núbidas  
Na praça, para um exercício de armas,  
E, quando vir ocasião, ajudar-vos-ei.  
Rio-me de pensar quão o vosso perturbado Catão  
Parecerá consternado enquanto a imprevisível destruição  
Se derrama sobre ele vinda de todos os lados.  
Assim, onde os vastos desertos núbidas se alongam,  
Subitamente, os impetuosos furacões descem,  
Rodando no ar, brincando em circulantes turbilhões,  
Arrancando as areias e varrendo planícies inteiras.  
O incauto viajante, com desvairada surpresa,  
Vê o árido deserto levantar-se em seu redor,  
E, asfixiado no remoinho de pó, morre.

## ACTO III

### Cena I

*Marco, Pórcio*

- Marco: Graças às minhas estrelas, não vagueei  
Pelos desvarios da vida antes que pudesse encontrar um amigo;  
A Natureza indicou-vos-me primeiro, meu Pórcio,  
E cedo me ensinou, pela sua secreta força,  
A amar a vossa pessoa, antes de conhecer o vosso mérito;  
Até que, do que era instinto, cresceu a amizade.
- Pórcio: Marco, as amizades do mundo são com frequência  
Confederações de vício, ou ligas de prazer;  
A nossa tem a mais severa virtude por sua base,  
E uma tal amizade só acaba com a vida.
- Marco: Pórcio, conheceis a minha alma em todas as suas fraquezas,  
Então, rogo-vos, poupai-me quanto a esta terna faceta,  
Perdoai-me tudo, excepto o amor; as minhas outras paixões  
Irão erguer-se e abater-se pelas mais estritas regras da virtude.
- Pórcio: Quando o amor surge em devido tempo, não é culpa amar;  
O forte, o bravo, o virtuoso e o sensato  
Afundam-se juntos no doce cativeiro.  
Não vou instar para que rejeiteis a vossa paixão,  
(Sei que seria em vão) mas que domineis a sua força,  
Até que melhores tempos a tornem mais grácil.
- Marco: Ai! Falais como alguém que nunca sentiu  
Os arroubos impacientes e os anseios de uma alma  
Que pulsam e aspiram a um bem distante.  
Um apaixonado não vive pelo tempo habitual:  
Crede em mim, Pórcio, na ausência da minha Lúcia,  
A vida paira sobre mim e torna-se um fardo;  
E, contudo, quando olho a encantadora donzela,  
Fico dez vezes mais perturbado; enquanto a esperança e o temor,

E a dor e a raiva e o amor se erguem a um tempo,  
E, num sofrimento variegado, me enlouquecem.

Pórcio: O que pode Pórcio fazer para vos ajudar?

Marco: Pórcio, vós com frequência gozais da presença da linda donzela:  
Então adoptai a minha causa e advogai-a junto dela  
Com a força e o ardor de eloquência  
Que o amor fraterno e a amizade possam inspirar.  
Dizei-lhe que o vosso irmão definha até à morte,  
Esvai-se e fenece na flor da idade;  
Que esquece o sono e recusa alimento,  
Que nem a juventude, nem a saúde, nem a guerra lhe trazem  
alegria.

Descrevei-lhe os seus dias ansiosos, as noites indormidas,  
E todos os tormentos que me haveis visto sofrer.

Pórcio: Marco, rogo-vos que não me deis uma tarefa  
Que tão mal desempenharei. Conheceis o meu temperamento.

Marco: Preferis ver-me afundar nas minhas mágoas?  
E não estendereis um braço amigo,  
Para me resgatar deste poço de desdita?

Pórcio: Marco, não me podeis perguntar por que recuso.  
Mas acreditai, tenho mil razões

Marco: Sei que direis não ser o momento para a minha paixão;  
Que o grande exemplo e infortúnios de Catão  
Deveriam conspirar para as expulsar dos meus pensamentos.  
Mas de que vale isso para quem ama como eu!  
Ó, Pórcio, Pórcio, da minha alma desejo  
Que soubésseis, vós próprio, o que é o amor!  
Então teríeis piedade e auxiliaríeis o vosso irmão.

Pórcio: Que deverei fazer? Se confesso a minha paixão,  
Será o fim da nossa amizade; se a escondo,  
O mundo achar-me-á falso para um amigo e um irmão. *[Aparte]*

Marco: Mas vede onde Lúcia, na sua hora de aflição,  
Na frieza daquele alto arco de mármore,  
Frui a brisa do meio-dia! Observai-a, Pórcio!  
Aquele rosto, aquele porte, aqueles olhos, aquela beleza celestial!  
Observai-a bem, e censurai-me, se conseguirdes.

Pórcio: Ela vê-nos e avança.

Marco: Retiro-me,  
E deixo-vos por agora. Lembrai-vos, Pórcio,  
A vida de vosso irmão depende da vossa língua.

## Cena II

*Lúcia, Pórcio*

Lúcia: Não estava o vosso irmão Marco aqui?  
Por que fugiu e se afastou da minha presença?

Pórcio: Ó Lúcia, a linguagem é por de mais fraca para mostrar  
O seu ímpeto amoroso; consome a sua vida;  
Ele sofre, adoce, desespera, morre:  
As suas paixões e as suas virtudes ficam confusas,  
E misturam-se num tão desordenado tumulto,  
Que todo o ser fica bastante desfigurado.  
Céus! Pensar que é possível o amor  
Causar tais danos numa nobre alma!  
Ó Lúcia, estou desolado! O meu coração sangra por ele;  
Mesmo agora, enquanto estou aqui, abençoado pela vossa presença,  
Um secreto fluido de dor se abate sobre os meus pensamentos,  
E sinto-me infeliz, apesar do sorriso que me dirigis.

Lúcia: Como guardarás a vossa honra, no choque  
Entre o amor e a amizade! Pensai depressa, meu Pórcio,  
Pensai como o laço nupcial, que pode assegurar  
A nossa mútua ventura, poderia de tal modo aumentar  
Os sofrimentos de vosso irmão que talvez o destruíssem.

Pórcio: Ai, pobre jovem! O que achais, minha Lúcia?

O seu coração generoso, aberto, sem malícia  
Rogou ao seu rival que intercedesse por ele.  
Por isso não o mateis com uma recusa,  
Conservai-lhe antes a vida e animai a sua alma  
Com o ténue raio de uma duvidosa esperança:  
Talvez, quando tivermos passado estas horas sombrias,  
E apaziguado a tempestade que sobre nós se abate.

Lúcia: Não, Pórcio, não! Vejo as lágrimas de vossa irmã.  
A angústia de vosso pai e a morte de vosso irmão,  
Na demanda de um malfadado amor.  
E Pórcio, aqui juro, ao céu juro,  
Ao céu e a todos os poderes que julgam a humanidade,  
Nunca unir as minhas mãos comprometidas com as vossas,  
Enquanto tal nuvem de infortúnios paira sobre nós,  
Mas esquecer os nossos amores e afastar-vos  
De todos os meus pensamentos, tanto quanto for capaz.

Pórcio: O que dissestes! Estou fulminado! Chamai de volta  
Essas palavras precipitadas, ou estou perdido para sempre.

Lúcia: Não passou já o voto os meus lábios?  
Os deuses ouviram-no e está selado no céu.  
Que toda a vingança que alguma vez recaiu  
Sobre cabeças perjuras recaia sobre mim se o quebrar! [*Após uma  
pausa*]

Pórcio: Paralisado de espanto, fixamente vos olho;  
Como alguém fustigado por um golpe dos céus,  
Que tenta em vão respirar e fica rígido, embora vivo,  
Com um terrível aspecto: um monumento à ira!

Lúcia: Finalmente cumpri o meu mais severo dever,  
Sinto a mulher a apoderar-se de mim,  
E a diluir-se no meu coração! As minhas lágrimas correrão.  
Mas não pensarei mais! A mão do destino  
Separou-me de vós e devo esquecer-vos.

- Pórcio: Fria e cruel donzela!
- Lúcia: Ó, sustei esses sons,  
Esses sons mortíferos! Por que franzis o sobrolho para mim?  
O meu sangue gela, o meu coração esquece-se de pulsar,  
E a vida esvai-se ante o vosso desagrado.  
Os deuses proibiram-nos de fruir os nossos amores,  
Não consigo, porém, suportar o vosso ódio e viver!
- Pórcio: Não falais de amor, nunca conhecestes a sua força,  
Estava iludido, levado por um sonho  
De imaginária ventura. Ó Lúcia, cruel donzela!  
O vosso terrível voto, carregado de morte, ainda ressoa  
Nos meus aturdidos ouvidos. Que deverei dizer ou fazer?  
Rápido, separemo-nos! A perdição está na vossa presença,  
E o horror habita-vos! Ah, ela desmaia!  
Que miserável sou! O que a minha precipitação provocou!  
Lúcia, a vossa injuriada inocência! Vós, a melhor,  
E a mais encantadora do vosso sexo! Acordai, minha Lúcia,  
Ou Pórcio puxará da espada para se juntar a vós.  
As suas maldições não atingiram o túmulo,  
Não nos separaram na morte.  
Mas, eis que se move! A vida vagueia errante  
Por todo o seu rosto, e ilumina todo o seu encanto.
- Lúcia: Ó Pórcio, foi isto correcto! Olhar com desagrado aquela  
Que vive dos vossos sorrisos! Pôr em dúvida  
A fé de quem expira a vossos pés,  
Que vos ama mais do que mulher alguma amou!  
Que digo? A minha meio recuperada mente  
Esquece o voto que obriga a minha alma.  
A destruição ergue-se entre nós! Temos de nos separar.
- Pórcio: Não pronuncieis tal palavra, os meus temerosos pensamentos  
voltam em tropel,  
E enlouquecem perante tal som.

- Lúcia: Que quereis que faça? Ponderai bem  
A cadeia de infortúnios que o nosso amor arrastaria atrás de si.  
Pensai, Pórcio, pensai, vede o vosso irmão moribundo  
Apunhalado no coração e todo coberto de sangue,  
Enfurecido com os céus e convosco! O vosso temível senhor  
Severamente exige a causa, a amaldiçoada causa,  
Que lhe rouba o filho! A pobre Márcia treme,  
Arranca os cabelos e, desvairada na sua dor  
Pede auxílio a Lúcia! O que podia Lúcia responder?  
Ou erguer-se numa tal cena de dor?
- Pórcio: Para minha confusão e eterno pesar,  
Tenho de aprovar a sentença que me aniquila.  
A névoa que pairava sobre a minha mente aclara;  
E agora, em contraste com os terrores que o vosso voto  
Semeou em vosso redor, pareceis mais bela,  
Mais gentil, ainda mais encantadora.  
A mais adorável das mulheres! O céu está na vossa alma,  
A beleza e a virtude brilham para sempre à vossa volta,  
Iluminando-se mutuamente! Sois totalmente divina!
- Lúcia: Pórcio, basta! As vossas palavras atingem-me no coração,  
Dissolvem a minha resolução e conduzem-me toda para o amor.  
Porque estão essas lágrimas de ternura nos vossos olhos?  
Por que pulsa o vosso coração? Por que dilata a vossa alma de dor?  
Enternece-me demasiado. Adeus, meu Pórcio,  
Adeus, e embora a morte se aloje na palavra, para sempre!
- Pórcio: Ficai, Lúcia, ficai. Que dizeis? Para sempre?
- Lúcia: Não fiz uma jura? Se Pórcio, o vosso sucesso,  
Lança o vosso irmão ao seu destino, adeus.  
Ó, como poderei repetir esta palavra, para sempre!
- Pórcio: Tal como a decadente luz, a chama incerta  
Paira tremeluzente sobre um ponto, salta a espaços,  
E cai de novo como se relutante de perder o seu domínio.

Não deveis ir, a minha alma paira sobre a vossa,  
E não se pode libertar.

Lúcia: Se o firme Pórcio estremece  
De ouvir falar de separação, pensai no que sofre Lúcia!

Pórcio: É verdade; Tranquilo e sereno enfrentei  
Os comuns incidentes da vida, mas aqui  
Tão inesperada tormenta de inesperadas desditas cai sobre mim,  
Que arrasa toda a minha força. Não o posso suportar.  
Não nos podemos separar.

Lúcia: Que dizeis? Não nos separarmos?  
Esqueceste o voto que fiz?  
Não existem céus e deuses e raios sobre nós?  
Mas vede! Vosso irmão Marco vem nesta direcção!  
Angustia-me vê-lo. Uma vez mais, adeus,  
Adeus, e sabeí que me ofendeis se julgais  
Ter alguma vez existido amor, ou pesar, como o meu. *[Sai]*

### Cena III

*Marco, Pórcio*

Marco: Pórcio, que esperanças? O que pensa ela? Estou condenado  
À vida ou à morte?

Pórcio: Que quereis que vos diga?

Marco: O que significa esta postura pensativa? Pareceis  
Alguém espantado e aterrorizado.

Pórcio: Tenho razões para isso.

Marco: A vossa expressão abatida e os vossos perturbados pensamentos  
Dizem-me o meu destino. Não pergunto o sucesso  
Que a minha causa encontrou.

- Pórcio: Lamento tê-lo tentado.
- Marco: O quê! A bárbara donzela insulta o meu coração,  
O meu coração dolorido! E triunfa com as minhas dores?  
Pudesse eu afastá-la dos meus pensamentos para sempre!
- Pórcio: Chega! Sois demasiado desconfiado na vossa dor;  
Lúcia, embora tenha jurado nunca pensar em amor,  
Sente compaixão pelo vosso sofrimento e apieda-se de vós.
- Marco: Sente compaixão pelo meu sofrimento e apieda-se de mim!  
O que é compaixão desprovida de amor?  
Que louco fui em escolher um tão frio amigo  
Para advogar a minha causa! Sente compaixão pelo meu  
sofrimento!  
Rogo-vos, dizei-me que arte, que retórica usastes  
Para ganhar este fantástico benefício? Apieda-se de mim!  
Para alguém que pede o calor de um amor recíproco,  
Compaixão é crueldade, é desprezo, é morte.
- Pórcio: Marco, basta! Mereci eu este tratamento?
- Marco: Que disse eu! Ó Pórcio, perdoai-me!  
Uma alma exasperada pelas mágoas agride  
Tudo, os amigos, a si próprio... Mas, ah!  
O que significa aquele grito, cheio de sons de guerra?  
Que novo alarme?
- Pórcio: Um segundo, mais alto, no entanto,  
Soprado pelos ventos e chega mais pleno até nós.
- Marco: Ó, por causa gloriosa entrar em batalha!  
Lúcia, desprezastes-me! O vosso desdém  
Quebrou-me o coração: esta morte me dará alívio.
- Pórcio: Depressa, vamos, quem sabe se a vida de Catão  
Não corre perigo? Ó Marco, estou inflamado, o meu coração  
Salta à voz do trompete e arde em glória.

## Cena IV

*Semprônio com os chefes do motim*

Semprônio: Por fim, os ventos levantam-se, a tormenta sopra alto,  
Seja a vossa missão, meus amigos, mantê-la  
Em plena fúria e dirigi-la de modo certo,  
Até ela se esvaír na cabeça de Catão.  
Entretanto vou juntar-me aos seus amigos e parecer  
Um deles para que em qualquer circunstância  
Os meus amigos e companheiros soldados possam estar seguros.  
*[Sai]*

Primeiro Chefe: Estamos todos seguros, Semprônio é nosso amigo,  
Semprônio é um homem tão corajoso quanto Catão.  
Mas, eis que ele entra. Dirijam-se-lhe com audácia;  
Certifiquem-se de que o derrubam e o amarram bem.  
Este dia porá fim aos nossos trabalhos e dar-nos-á descanso!  
Nada temam, pois Semprônio é nosso amigo.

## Cena V

*Catão, Semprônio, Lúcio, Pórcio e Marco*

Catão: Onde estão esses bravos e intrépidos filhos da guerra,  
Que grandiosamente viram as costas ao inimigo,  
E lançam um corajoso desafio ao seu general?

Semprônio: Malditas sejam as suas almas cobardes, eles estão estupefactos!  
*[Aparte]*

Catão: Homens pérfidos! Desonrareis vós assim  
As vossas passadas proezas e manchareis as vossas guerras?  
Confessais que não foi nem zelo por Roma,  
Nem amor à liberdade, nem a sede de honra,  
Que vos trouxeram até aqui, mas a esperança de partilhar os  
despojos

Das cidades conquistadas e das províncias saqueadas?  
Inflamados com tais motivos, fazeis bem em vos juntar  
Aos inimigos de Catão e seguir as bandeiras de César.  
Por que escapei à venenosa raiva da áspide,<sup>44</sup>  
E a todos os ferozes monstros do deserto,  
Para ver este dia? Por que não pôde Catão cair  
Sem a vossa culpa? Olhai, homens ingratos,  
Olhai o meu peito nu para as vossas espadas  
E deixai que o homem injuriado desfira o golpe.  
Qual de vós todos suspeita que ele sofreu agravo,  
Ou pensa que ele sofre desdita maior do que Catão?  
Não me distingo eu de vós apenas pelas minhas fadigas,  
Fadigas superiores e um mais pesado fardo de cuidados?  
Dolorosa preeminência!

Semprônio: Pelos céus, eles prostram-se!

Malditos vilões! Tudo está perdido. *[Aparte]*

Catão: Esqueceste o deserto escaldante da Líbia,  
Os seus rochedos áridos, a terra ressequida e os montes de areia,  
O seu ar viciado e todas as suas venenosas degenerescências?  
Quem foi o primeiro a explorar os ignotos caminhos,  
Quando a vida perigava a cada passo?  
Ou, desfalecendo na longa e penosa marcha,  
Quando nas margens de um inesperado ribeiro  
Bebíeis a repetidos haustos no rio,  
Quem era o último em toda a vossa hoste a matar a sede?

Semprônio: Se alguma pobre fonte acaso surgia,  
De escassa água, quando a escavavam até secar,  
E ofereciam o elmo cheio a Catão,  
Não rejeitava ele o líquido intocado?  
Não vos conduziu pelo sol do meio-dia,

---

<sup>44</sup> Pequena serpente venenosa oriunda do Egípto.

E por nuvens de poeira? Não perspiraram as suas têmeoras  
Sob os mesmos ventos sufocantes e calores abrasadores?

- Catão: Avante, homens indignos! Queixai-vos a César  
Que não pudestes suportar as fadigas da guerra,  
Nem as adversidades que o vosso chefe suportou.
- Lúcio: Vede, Catão, vede os infelizes como choram!  
Medo, remorso e desgosto pelo seu crime,  
Surgem em todas as faces e clamam por misericórdia.
- Catão: Aprendei a ser homens honestos, denunciái os vossos chefes,  
E o perdão será dado a todos os outros.
- Semprónio: Catão, deixai estes miseráveis ao meu cuidado.  
Primeiro deixai-me torturá-los, um a um,  
Depois, com a vida que lhes restar, deixai-me empalá-los  
E contorcer-se lentamente na estaca ensanguentada.  
Aí ficarão pendurados a viciar o vento do Sul.  
Os cúmplices do crime aprenderão o que é obediência,  
Quando virem os seus companheiros traidores  
Espetados numa forquilha a tisonar ao sol.
- Lúcio: Semprónio, por que desejais incitar o destino  
De homens miseráveis?
- Semprónio: Como! Preferíeis justificar a rebelião?  
Lúcio (bom homem) tem piedade dos pobres ofensores,  
Que estavam dispostos a manchar as suas mãos com o sangue de  
Catão.
- Catão: Cuidado Semprónio! Cuidai que sejam condenados à morte,  
Mas na sua morte, lembrai-vos de que são homens.  
Não desvieis as leis para agravar as torturas.  
Lúcio, esta geração rude e degenerada exige  
Severidade e justiça de rigor;  
Isto infunde temor a um mundo ímpio, arrogante e ofensivo,  
Obriga à obediência e dá força às leis.

Quando, por justa vingança, os culpados mortais perecem;  
Os deuses contemplam o seu castigo com prazer,  
E põem de lado o raio antes soerguido.

Semprónio: Catão, executo a vossa vontade com prazer.

Catão: Entretanto nós sacrificaremos à liberdade.  
Lembrai-vos, Ó meus amigos, as leis, os direitos,  
O generoso plano de poder transmitido,  
De geração em geração, pelos nossos famosos antepassados,  
(Adquirido tão caro, ao preço de tanto sangue.)  
Ó, nunca permiteis que pereça nas vossas mãos!  
Transmiti-o piamente aos vossos filhos.  
Que vós, grandiosa liberdade, inspireis as nossas almas,  
E façais as nossas vidas felizes na vossa posse,  
Ou as nossas mortes gloriosas na vossa justa defesa.

## Cena VI

*Semprónio e os chefes do motim*

Primeiro chefe: Semprónio, agistes como vós próprio,  
Qualquer um acreditaria que estáveis a falar quase  
honestamente.

Semprónio: Vilão, para trás! Rudes, desprezíveis, miseráveis patifes,  
Mestiços de facção, traidores de coração fraco!

Segundo chefe: Então, estais a exceder-vos, Semprónio;  
Tirai a máscara, só aqui estão amigos.

Semprónio: Sabei, vilão, quando tais escravos vis se afoitam  
A envolver-se em traição, se o golpe tem êxito,  
São lançados ao oblvio: mas se falha,  
Podem estar certos de que morrerão como cães, como vós.  
Tomai, levai estes monstros desleais, arrastai-os  
Para morte imediata.

*Entram os guardas*

Primeiro chefe: Bom, se é assim.

Semprónio: Despachai-os rápido, mas primeiro arrancai-lhes as línguas,  
Para que, no seu último suspiro, não semeiem a sedição.

## **Cena VII**

*Sifax, Semprónio*

Sifax: O nosso primeiro objectivo, meu amigo, provou ser um fracasso;  
Mas ainda resta uma cartada para jogar:  
As minhas tropas estão montadas; os seus corcéis númeridas  
Cheiram o vento e anseiam por abalar para o deserto:  
Se Semprónio nos liderar na fuga,  
Forçaremos as portas onde Marco está de guarda,  
E, a golpes de espada a todos que se nos opuserem, abriremos  
passagem.  
Num dia alcançaremos o acampamento de César.

Semprónio: Que confusão! Falhei em metade do meu propósito:  
Mércia, a encantadora Mércia fica para trás,

Sifax: Como! Semprónio transformado no escravo de uma mulher?

Semprónio: Não julgais que o vosso amigo pode alguma vez sentir o doce  
Efeminado calor e ternura do amor.  
Sifax, desejo agarrar aquela altiva donzela,  
E vergar a sua teimosa virtude à minha paixão:  
Quando o conseguir, escorraçá-la-ei.

Sifax: Bravo! Já pareceis vós a falar, Semprónio.  
O que impede, então, que a encontrais,  
E com a vossa força viril a obrigais a sair?

Semprónio: Mas como conseguir entrar? Pois o acesso  
Só é concedido a Juba e aos irmãos dela.

Sifax: Envergarás as vestes de Juba e irás com os guardas de Juba.

As portas serão abertas quando o príncipe da Numídia  
Parecer surgir ante os escravos que os observam.

Semprônio: Céus, mas que ideia essa! Márcia será minha!  
Como o meu peito dilata de ansiosa alegria,  
Quando a segurar, estrebuchante, nos meus braços,  
Com a sua beleza radiante e o seu perturbado encanto,  
Enquanto o medo e a ira, com alternada graça,  
Palpitam no seu seio e alteram a sua face!  
Assim Plutão raptou Proserpina,<sup>45</sup> transferiu  
Para a sombria tristeza infernal a atemorizada donzela,  
Ali sorriu tenebrosamente, feliz com o seu belo troféu,  
E nem invejou a Júpiter o sol e os céus.

## ACTO IV

### Cena I

*Lúcia, Márcia*

Lúcia: Agora dissei-me, Márcia, dissei-me do fundo da alma,  
Se julgais possível uma mulher  
Sofrer maior infortúnio que o de Lúcia?

Márcia: Ó Lúcia, Lúcia, pudesse o meu tão dilatado coração  
Expulsar todas as dores e libertar-se do pesar:  
Márcia poderia responder-vos com suspiros, acompanhar  
Todos os vossos lamentos e igualar as vossas lágrimas.

---

<sup>45</sup> Hades e Perséfone. Segundo o mito, Perséfone era a filha de Zeus e Deméter. A sua beleza levou Hades a apaixonar-se por ela e a raptá-la. Zeus acabou por obrigar Hades a libertar Perséfone, mas, antes de a libertar, Hades deu-lhe a comer uma romã. Ao consumir o fruto, Perséfone ficou ligada ao submundo e tinha de ali permanecer parte do ano.

- Lúcia: Sei que estais, também, condenada a ser amada  
 Por Juba e pelo amigo de vosso pai, Semprónio;  
 Mas qual deles tem o poder de encantar como Pórcio!
- Márcia: Ainda tenho de vos rogar que não nomeeis Semprónio?  
 Lúcia, não gosto desse homem ruidoso e violento;  
 Juba, a toda a bravura de um herói,  
 Junta o mais terno amor e mais do que feminina doçura:  
 Juba poderia fazer a mais orgulhosa do nosso sexo,  
 Qualquer entre as mulheres, excepto Márcia, feliz.
- Lúcia: E por que não, Márcia? Vá, tentais em vão  
 Disfarçar os vossos pensamentos de alguém que conhece tão bem  
 Os íntimos fúlgidos de um coração apaixonado.
- Márcia: Enquanto Catão viver, a sua filha não tem o direito  
 De amar ou odiar senão consoante a sua escolha.
- Lúcia: E se vosso pai vos dá a Semprónio?
- Márcia: Não me atrevo a pensar que o faça: mas se o fizer,  
 Por que acrescentais a todas as dores que sofro  
 Males imaginários e fantasiosas torturas?  
 Oiço o som de passos! Vêm nesta direcção!  
 Retiremo-nos e tentemos afogar  
 Cada doce pensamento em virtude do presente perigo.  
 Quando o amor, por uma vez, clama por entrar nos nossos  
corações,  
 (Apesar de toda a virtude de que nos possamos vangloriar,  
 A mulher que delibera está perdida.

## Cena II

*Semprónio, vestido como Juba, com guardas húmidas*

- Semprónio: A gazela está apanhada. Descobri o seu esconderijo.  
 Certificai-vos de que sabeis a senha e, quando eu a proferir,  
 Entrai de imediato e apanhai a vossa presa.

Não deixais que os seus gritos ou lágrimas vos consigam comover.  
Como o jovem númida desesperar por ver  
A sua amada perdida! Se alguma coisa podia alegrar a minha alma,  
Além do prazer de tão brilhante troféu,  
Seria torturar o jovem e alegre bárbaro.  
Mas, que barulho  este! Morte para as minhas esperanças!  ele,  
É o próprio Juba! Só me resta uma saída:  
Ele tem de ser assassinado e uma passagem aberta  
Entre os seus guardas. Ah, cobardes, tremeis!  
Ou comportam-se como homens, ou por aquele céu azul

*Entra Juba*

Juba: Que vejo? Quem ousa usurpar  
Os guardas e as vestes do príncipe da Numídia?

Semprnio: Alguém que nasceu para castigar a vossa arrogância,  
Jovem presunçoso!

Juba: O que significa isto? Semprnio!

Semprnio: A minha espada responder-vos-. Apontada ao vosso coração.

Juba: Não, tomai vs cuidado, homem orgulhoso e bárbaro!  
*[Semprnio cai e os seus guardas rendem-se]*

Semprnio: Amaldio as estrelas! Estarei, então, condenado a cair  
s mãos de um rapaz? Desfigurado por uma vil  
Veste númida e por uma desprezvel mulher?  
Deuses, deliro! Este fim de vida!  
, que o toque de um raio fizesse  
A terra, o ar, o céu e Catão tremer!

*[Morre]*

Juba: Com que ímpeto a sua alma furiosa se libertou,  
Abandonando os membros ainda trementes no solo!  
Levemos já estes escravos a Catão,  
Para que possamos, então, discernir toda  
Esta negra urdidura, este mistério do destino.

### Cena III

*Lúcia, Márcia*

Lúcia: Decerto foi o tinir de espadas; o meu perturbado coração  
Está tão oprimido e mergulhado nos seus desgostos,  
Que palpita de medo e dor a cada som.  
Ó Márcia, se os vossos irmãos se defrontam por mim!  
Morro de horror ante tal pensamento.

Márcia: Vede, Lúcia! Há aqui sangue! Há aqui sangue e morte!  
Ah! Um númida! Que os deuses protejam o príncipe;  
A face jaz oculta pela veste.  
Mas, ah! Morte para os meus olhos; um diadema,  
E vestes púrpuras! Ó deuses! É ele, é ele!  
Juba, o jovem mais adorado que alguma vez despertou  
Um coração de virgem, Juba jaz morto ante nós!

Lúcia: Então, Márcia, apela em vosso auxílio  
À vossa habitual força e constância mental;  
Não podeis suportar maior provação.

Márcia: Lúcia, vede aqui, e pasmai com a minha resignação.  
Não tenho motivo para desesperar e bater no peito,  
Para abandonar o meu coração à dor e ao delírio?

Lúcia: Que posso eu pensar ou dizer para vos dar conforto?

Márcia: Não me falais de conforto, é para males menores:  
Contemplai esta visão que mata qualquer conforto.

*Entra Juba, ouvindo*

Eu entregar-me-ei ao desgosto e gritarei  
Todas as mágoas e fúria do desespero,  
Que aquele homem, o melhor dos homens, de mim merecia.

Juba: Que oiço? Era o falso Semprônio  
O melhor dos homens? Ó, tivesse eu morrido como ele,  
E pudesse ser assim chorado, teria sido feliz!

- Lúcia: Aqui estou eu, companheira dos vossos lamentos,  
Ajudando-vos com as minhas lágrimas! Quando vejo  
Uma perda como a vossa, quase esqueço a minha.
- Márcia: Não está no destino aliviar o meu torturado peito.  
Este mundo vazio, para mim, este deserto sem alegria,  
Nada deixou para fazer a pobre Márcia feliz.
- Juba: Estou destroçado! Era-lhe ele tão caro ao seu coração?
- Márcia: Ó! Ele era feito de amor e encanto,  
Que qualquer donzela pudesse desejar ou qualquer homem  
admirar:  
Um deleite para os olhos! Quando ele aparecia,  
Um secreto prazer alegrava todos que o viam;  
Mas quando falava, o mais orgulhoso romano enrubescia  
Ao ouvir as suas virtudes, e os mais velhos ganhavam em sensatez.
- Juba: Enlouqueço.
- Márcia: Ó Juba! Juba! Juba!
- Juba. Que significa esta voz? Não chamou ela por Juba?
- Márcia: Por que pensais no que ele era! Ele está morto!  
Ele está morto e nunca soube quanto eu o amava.  
Lúcia, quem sabe se o seu pobre ensanguentado coração,  
Na sua agonia, se lembrou de Márcia,  
E se, nas derradeiras palavras que proferiu, me chamou cruel!  
Infelizmente ele não sabia, desafortunado jovem, ele não sabia  
Que toda a alma de Márcia estava cheia de amor e Juba.
- Juba: Onde estou eu! Vivo! Ou estou, de facto,  
Onde Márcia pensa! Tudo é paraíso em meu redor!
- Márcia: Queridos restos mortais do mais adorado dos homens!  
Nem a modéstia, nem a virtude aqui proíbem  
Um derradeiro abraço, enquanto assim ...

- Juba: Vede, Márcia vede,  
*[Lançando-se a seus pés]*  
O feliz Juba vive! Vive para receber  
O querido abraço e retribui-lo também  
Com mútuo ardor e arrebatado amor.
- Márcia: Com prazer e maravilhado espanto, sinto-me em êxtase!  
Decerto é um sonho! Morto e vivo em simultâneo!  
Se sois Juba, quem jaz ali?
- Juba: Um patife,  
Disfarçado de Juba, com um propósito maldito.  
A história é longa, e nem eu a ouvi.  
O vosso pai sabe de tudo. Não consegui suportar  
A ideia de vos deixar na vizinhança da morte,  
E voei, com toda a pressa amorosa, para vos encontrar:  
Encontrei-vos a chorar, e confesso já,  
Fico inebriado de júbilo ao ver as lágrimas da minha Márcia.
- Márcia: Fui surpreendida numa hora inesperada,  
Mas agora não devo recuar: o amor que se encontrava  
Meio sufocado no meio peito, rompeu todas  
As débeis barreiras e arde com todo o seu fulgor;  
Não posso, mesmo que queira, escondê-lo de vós.
- Juba: Perco-me em êxtase! E amais,  
Vós, encantadora donzela?
- Márcia: E viveis para o perguntar?
- Juba: Isto, isto é vida, de facto! Vida digna de ser preservada,  
Uma vida como Juba nunca sentiu até agora!
- Márcia: Crede, príncipe, antes de vos julgar morto,  
Eu própria não sabia quanto vos amava.
- Juba: Ó venturoso engano!

- Márcia: Ó feliz Márcia!
- Juba: Minha alegria! Minha bem amada! Meu único desejo!  
Como exprimir a inebriante ventura da minha alma?
- Márcia: Lúcia, o vosso braço! Ó deixai-me apoiar nele!  
O sangue vital que tinha abandonado o meu coração,  
Volta de novo em tão tumultuada maré,  
Que quase me derruba. Levai-me para os meus aposentos.  
Ó príncipe! Coro de pensar no que disse  
Mas o destino arrancou-me a confissão;  
Ide agora e prosperai nos caminhos da honra,  
A vossa virtude perdoará a minha paixão por vós,  
E tornarão os deuses favoráveis ao nosso amor.  
*[Saem Márcia e Lúcia]*
- Juba: Sinto-me tão ditoso que temo ser tudo um sonho.  
Fortuna, corrigistes agora todas  
As anteriores adversidades. Absolvo as minhas estrelas.  
Que a Numídia junte as suas derrotadas cidades  
E províncias para engrandecer o triunfo do vitorioso!  
Juba nunca mais lamentará o seu destino;  
Que César possua o mundo, se Márcia for minha.

## Cena IV

*Uma marcha à distância*

*Catão, Lúcio*

- Lúcio: Estou pasmado! O quê, o audaz Semprônio!  
Que encabeçava a multidão de patriotas,  
Como se levado pelo zelo de um furacão,  
E virtuoso, quase até à loucura.
- Catão: Acreditai, Lúcio,  
As nossas discórdias civis provocaram tais crimes,  
Crimes tão monstruosos, que já nada me surpreende.

Ó Lúcio, estou cansado deste mundo malvado!  
A luz do dia e o sol são-me penosos.

*Entra Pórcio*

Mas vede onde vem Pórcio! Que significa esta pressa?  
Por que tendes a expressão tão alterada?

Pórcio: O meu coração sofre.  
Trago notícias tais que afligirão meu pai.

Catão: César derramou mais sangue romano?

Pórcio: Não se trata disso.  
O traidor Sifax, como se encontrava na praça  
A exercitar as suas tropas, dado o sinal,  
Fugiu de imediato com o seu cavalo núpida  
Para a porta sul, onde Marco está de vigia.  
Eu vi e chamei-o, mandando-o parar, mas em vão,  
Levantou o braço e arrogantemente disse,  
Que não ficaria para morrer como Semprônio.

Catão: Homens pérfidos! Mas, apressai-vos, meu filho, e vede  
Se vosso irmão se comporta como um romano. [*Sai Pórcio*]  
Lúcio, a torrente avassala-me:  
A justiça cede ante a força: o mundo conquistado  
Pertence a César: Catão nada tem com ele.

Lúcio: Enquanto o orgulho, a opressão e a injustiça reinarem,  
O mundo, ainda assim, clamará pela presença de Catão.  
Apiedai-vos da humanidade, submetei-vos a César,  
E reconciliai a vossa poderosa alma com a vida.

Catão: Deseja Lúcio que eu viva para aumentar o número  
Dos escravos de César, ou com uma degradante sujeição,  
Abdique da causa de Roma e reconheça um tirano?

- Lúcio: O vitorioso nunca imporá a Catão  
Termos mesquinhos. Os seus inimigos reconhecem  
A César as virtudes de humanidade.<sup>46</sup>
- Catão: Malditas as suas virtudes! Destruíram este país.  
Essa humanidade popular é traição.  
Mas vede o jovem Juba! O bom mancebo parece  
Cheio de culpa pelos seus pérfidos súbditos.
- Lúcio: Ai! Pobre príncipe! O seu destino é digno de compaixão.
- Entra Juba.*
- Juba: Sinto rubor e vergonha ao aparecer  
Ante a presença de Catão.
- Catão: Qual foi o vosso crime?
- Juba: Sou um númida.
- Catão: E corajoso, também.  
Possuís uma alma romana.
- Juba: Não sabeis  
Dos meus falsos conterrâneos?
- Catão: Infelizmente, jovem príncipe,  
Falsidade e fraude brotam em qualquer solo,  
Produto de todos os climas. Roma tem os seus Césares.
- Juba: É generoso assim confortar a minha amargura.

---

<sup>46</sup> Addison, em *Spectator* nº 169, de 13 de Setembro de 1711, invoca a comparação entre César e Catão traçada por Salústio na sua obra *A Guerra Catilinária (Bellum Catilinae)*, capítulo 6: enquanto Catão é o exemplo duro e severo consigo mesmo e com os outros, pautando a sua conduta por um ideal de justiça divina, César apresenta uma natureza amável, capaz de perdoar amigos, inimigos, servos, etc, uma falsa humanidade que lhe traz popularidade e admiração.

- Catão: É apenas aplaudir quem o merece;  
A vossa virtude, príncipe, passou o teste da fortuna,  
Como puro ouro, que, torturado na fornalha,  
Sai mais brilhante e gera todo o seu peso.
- Juba: Que posso responder-vos? O meu arrebatado coração  
Transborda de secreto júbilo: prefiro ganhar  
O teu apreço, Ó Catão! Do que o império núpida.

*Reentra Pórcio*

- Pórcio: Infortúnio sobre infortúnio! Dor e mais dor!  
Meu irmão Marco
- Catão: Ah! Que fez ele?  
Abandonou ele o seu posto? Bateu em retirada?  
Olhou submisso e deixou-o passar?
- Pórcio: Mal eu tinha deixado meu pai, encontrei-o  
Transportado nos escudos dos seus soldados sobrevividos,  
Sem alento e pálido, e todo coberto de feridas.  
Durante muito tempo, à cabeça dos seus poucos amigos fiéis,  
Ele aguentou o choque de toda uma hoste de inimigos.  
Até que, obstinadamente corajoso, e inclinado para a morte,  
Perseguido por multidões, ele caiu grandiosamente.
- Catão: Estou satisfeito.
- Pórcio: Nem ele caiu antes  
Que a sua espada tivesse trespassado o falso coração de Sifax.  
Ali jaz. Vi o encanecido traidor,  
Num esgar de tormentos mortais, morder o pó.
- Catão: Graças aos deuses! O meu rapaz cumpriu o seu dever.  
Pórcio, quando eu morrer, assegurai-vos de pôr  
A sua urna ao lado minha.
- Pórcio: Que estejam separadas por muito tempo.

Lúcio: Ó Catão! Armai a vossa alma com toda a conformação;  
Vede, o cadáver do vosso defunto filho aproxima-se!  
Os cidadãos e os senadores, alarmados,  
Juntaram-se em seu redor e prestam-lhe homenagem chorando.

*Catão, aproximando-se do cadáver*

Bem-vindo, meu filho! Deixai-o aqui, meus amigos,  
Bem à minha vista, para que possa olhar com vagar  
O ensanguentado cadáver e contar os seus gloriosos ferimentos.  
Quão bela é a morte quando ganha com virtude!  
Quem não desejaria ser esse jovem? Que pena é  
Só podermos morrer uma vez para servir a nossa pátria!  
Por que se instala a tristeza nos vossos semblantes, meus amigos?  
Ruborizar-me-ia se a casa de Catão tivesse ficado  
Segura e florescesse com uma guerra civil.  
Pórcio, contemplai o vosso irmão e lembrai-vos  
A vossa vida não vos pertence quando Roma a reclama.

Juba: Alguma vez se viu um tal homem! [Aparte]

Catão: Ai, meus amigos!  
Porque manifestais tanto pesar? Não permitis que a perda privada  
Aflija os vossos corações. É Roma que reclama as vossas lágrimas,  
A senhora do mundo, a sede do império,  
O berço dos heróis, o deleite dos deuses,  
Que humilhou orgulhosos tiranos da terra,  
E libertou nações, Roma já não existe.  
Ó liberdade! Ó virtude! Ó minha pátria!

Juba: Contempla esse homem recto! Roma mareja os seus olhos  
De lágrimas que não se derramaram sobre o seu próprio defunto  
filho. [Aparte]

Catão: Seja pelo que for que Roma se submeteu,  
Todo o curso do Sol, o dia e o ano pertencem a César.

Por ele morreram os devotados Décios<sup>47</sup>  
Os Fábios<sup>48</sup> caíram e os grandes Cipiões<sup>49</sup> conquistaram;  
Mesmo Pompeu lutou por César. Ó meus amigos!  
Como o destino se tece e laboram as gerações,  
O império romano caiu! Ó maldita ambição!  
Caído nas mãos de César! Os nossos grandes antepassados  
Não lhe deixaram nada para conquistar senão a sua pátria.

Juba: Enquanto Catão viver, César corará ao ver  
A humanidade escravizada e terá vergonha do império.

Catão: César envergonhado! Não vistes Farsália?

Lúcio: Catão, é tempo de vos salvardes, bem como a nós.

Catão: Não percais um pensamento comigo; não estou em perigo.  
O céu não me abandonará às mãos do vitorioso.  
César nunca dirá, eu conquistei Catão.  
Mas, ó meus amigos, a vossa segurança enche o meu coração  
De pensamentos ansiosos: mil secretos terrores  
Erguem-se na minha alma: como poderei salvar os meus amigos!  
É agora, ó César, que começo a temer-vos.

Lúcio: César terá misericórdia se lha pedirmos.

Catão: Então pedi-a, rogo-vos! Fazei-o saber,  
Tudo que contra ele foi feito, Catão o fez.  
Acrescentai, por favor, que solicito dele,  
Que a virtude dos meus amigos possa dispensar punição.  
Juba, o meu coração está perturbado por vossa causa.

---

<sup>47</sup> Públio Décio Mus era o nome de dois romanos, pai e filho, que se sacrificaram pela pátria em 340 a.C. e 295 a.C., respectivamente.

<sup>48</sup> Distinta família romana desde o século V a.C.

<sup>49</sup> Ilustre família romana entre cujos membros se inclui Cipião o Africano (234-183 a.C.) e o seu neto, Cipião Emiliano (185-129 a.C.).

Deverei aconselhar-vos a reconquistar a Numídia,  
Ou a ir ao encontro do conquistador?

Juba: Se vos abandonar  
Enquanto tenho vida, que o céu abandone Juba!

Catão: As vossas virtudes, meu príncipe, se bem prevejo,  
Trar-vos-ão grandeza; em Roma, doravante,  
Não será crime ter sido amigo de Catão.  
Pórcio, aproximai-vos! Meu filho, com frequência vistes  
Teu pai envolvido com um estado corrupto,  
Lutando contra o vício e a facção: agora vedes-me  
Desgastado, exaurido, desesperando do sucesso:  
Deixai-me aconselhar-vos para retirar a tempo  
Para a vossa paterna sede, o campo sabino,<sup>50</sup>  
Onde o grande Censor<sup>51</sup> labutou com as próprias mãos,  
E todos os nossos frugais ascendentes foram abençoados  
Com humildes virtudes e uma vida rural.  
Ali vivei retirado, rezai pela paz de Roma:  
Contentai-vos em ser obscuramente bom.  
Quando o vício prevalece e os homens ímpios tomam o poder,  
O posto de honra é uma posição privada.<sup>52</sup>

Pórcio: Espero que meu pai não recomende  
Uma vida a Pórcio que ele próprio despreze.

Catão: Adeus, meus amigos! Se algum de vós  
Se atrever a não confiar na clemência<sup>53</sup> do vitorioso,

---

<sup>50</sup> Território a nordeste de Roma.

<sup>51</sup> Catão o Velho.

<sup>52</sup> Uma ideia estóica recorrente. David Humphrey (12 de Junho de 1796), Thomas Pickering (27 de Julho de 1795) e George Washington citam explicitamente este verso.

<sup>53</sup> César era reconhecido pela sua política de *clementia*, por perdoar aos derrotados. É duvidoso que Catão, na qualidade de inimigo vencido, fosse morto por César.

Sabei que há navios preparados por minha ordem,  
(As suas velas já se desfraldam aos ventos),  
Que vos levarão ao desejado porto.  
Há algo mais, meus amigos, que possa fazer por vós?  
O conquistador aproxima-se. Mais uma vez, adeus!  
Se nos voltarmos a encontrar, será  
Em climas mais felizes, numa costa mais segura,  
Onde César nunca chegará.

*[Apontando para o seu filho morto.]*

Ali, o bravo jovem, com o amor à virtude ateadado,  
Que, grandiosamente, pela causa da pátria expirou,  
Saberá que conquistou. O firme patriota, ali,  
(Que fez do bem-estar da humanidade o seu propósito),  
Embora ainda por facção, vício e fortuna dilacerada,  
Verá o seu generoso labor recompensado.

## ACTO V

### Cena I

*Catão, a sós*, sentado numa postura pensativa: nas suas mãos o livro de Platão sobre a Imortalidade da Alma<sup>54</sup>. Uma espada desembainhada na mesa, perto dele.

Assim deve ser, Platão, ponderastes bem!  
Senão, de onde esta gostosa esperança, este doce almejo,  
Este anseio pela imortalidade?  
Mas por que motivo este secreto temor, e íntimo horror,  
De cair no vazio? Por que se retrai a alma  
Sobressaltada ante a destruição?  
É a divindade que se agita em nós;

---

<sup>54</sup> O *Fédon* de Platão contém a cena da morte de Sócrates e três argumentos em defesa da imortalidade da alma.

É o próprio céu que nos aponta o além,  
E incita o homem à eternidade.  
Eternidade! Pensamento aprazível e assustador!  
Por que variedade de inexperimentadas existências,  
Por que novas cenas e mudanças devemos passar!  
A vasta, ilimitada expectativa apresenta-se ante mim;  
Mas sombras, nuvens e escuridão pairam sobre ela.  
Detenho-me aqui. Se há um poder superior a nós,  
(E que o há toda a natureza grita bem alto  
Através de todas as suas obras), deve deleitar-se com a virtude;  
E aquilo em que se deleita deve ser feliz?  
Mas quando! Ou onde! Este mundo foi talhado para César.  
Estou cansado de conjecturas. Isto deve pôr-lhes fim.

*[Pousando a mão na espada.]*

Assim estou duplamente armado: a minha morte e a minha vida,  
O meu veneno e o meu antídoto, estão ambos diante de mim:  
Num instante isto conduzirá ao meu fim;  
Mas isto informa-me de que nunca morrerei.  
A alma, segura na sua existência, sorri  
Ao desembainhar do punhal e desafia o seu gume.  
As estrelas empalidecerão, o próprio Sol  
Enfraquecerá com a idade e a natureza perecerá com os anos,  
Mas tu florescerás em imortal juventude,  
Poupado à guerra dos elementos,  
Aos destroços da matéria e ao choque dos mundos.  
Que significa este peso que sobre mim se abate?  
Esta letargia que rasteja por todos os meus sentidos?  
A natureza oprimida e atormentada por cuidados,  
Decai para descansar. Desta vez, concordo com ela,  
Que a minha alma desperta possa seguir o seu voo,  
Com toda a sua força restaurada e fresca de vida,  
Uma oferta digna do céu. Deixai a culpa ou o medo  
Perturbar o repouso dos homens: Catão não conhece, nem uma,  
nem outro,  
Indiferente na sua escolha entre dormir e morrer.

## Cena II

*Catão, Pórcio*

- Catão: Mas que é isto, meu filho? Porquê esta intrusão?  
As minhas ordens não foram que desejava ficar só?  
Por que sou desobedecido?
- Pórcio: Ai, meu pai!  
O que significa esta espada? Este instrumento de morte?  
Deixai-me levá-la daqui!
- Catão: Precipitado jovem, desisti!
- Pórcio. Ó, deixai as preces, os rogos dos vossos amigos,  
As suas lágrimas, o seu perigo comum demover-vos.
- Catão: Trair-me-íeis? Entregar-me-íeis  
Um escravo, um cativo nas mãos de César?  
Retirai-vos e aprendei a obedecer a um pai,  
Ou sabeis, jovem!
- Pórcio: Não olheis tão severamente para mim;  
Sabeis que preferia morrer do que desobedecer-vos.
- Catão: Está tudo bem! Sou de novo senhor de mim mesmo.  
Agora, César, deixai as vossas tropas atacar os nossos portões,  
E barrar cada avenida, as vossas frotas reunidas  
Cobrar os mares e atracar em todos os portos;  
Catão abrirá para si uma passagem,  
E troçará das vossas esperanças
- Pórcio: Ó senhor! Perdoai o vosso filho,  
Cuja dor pesa duramente sobre ele! Ó meu pai!  
Como posso ter a certeza de que não é a última vez  
Que assim vos chamo! Não vos aborreceis,  
Ó, não estejais zangado comigo porque choro,  
E, no meu coração angustiado, rogo-vos  
Que abandonais o horrível propósito da vossa alma!

- Catão: Tendes sido sempre bom e cumpridor [*Abraçando-o*]  
Não choreis, meu filho. Tudo voltará a estar bem.  
Os justos deuses, a quem procurei agradar,  
Irão socorrer Catão e proteger os seus filhos.
- Pórcio: As vossas palavras confortam o meu entristecido coração.
- Catão: Pórcio, podeis confiar na minha conduta.  
Vosso pai não agirá de forma imprópria.  
Mas ide, meu filho, e verificai se algo falta  
Aos amigos de vosso pai, acompanhai-os ao embarque;  
E dizei-me se os ventos e os mares lhes são favoráveis.  
A minha alma soçobra de cuidados e pede  
O suave restauro de um momento de sono. [*Sai*]
- Pórcio: Os meus pensamentos estão mais apaziguados, o meu coração  
revive.

### Cena III

*Pórcio, Márcia*

- Pórcio: Ó Márcia, ó minha irmã, ainda há esperança!  
Nosso pai não desperdiçará uma vida  
Tão necessária para todos nós e para a pátria.  
Ele retirou-se para descansar e parece acalantar  
Pensamentos cheios de paz. Enviou-me  
Com ordens que revelam uma mente lúcida  
E ocupada com a segurança dos seus amigos.  
Márcia, assegurai-vos de que nada perturbe o seu repouso. [*Sai*]
- Márcia: Ó poderes imortais que guardam o justo,  
Vigiai em torno do seu leito e suavizai o seu repouso,  
Bani as suas mágoas e acalmai a sua alma  
Com sonhos leves; recordai todas as suas virtudes!  
E mostrai aos homens que a bondade é o vosso desígnio.

## Cena IV

*Lúcia, Márcia*

- Lúcia: Onde está o vosso pai, Márcia, onde está Catão?
- Márcia: Lúcia, falai baixo, ele retirou-se para descansar.  
Lúcia, sinto a tímida aurora de esperança  
Erguer-se na minha alma. Ainda seremos felizes.
- Lúcia: Ai! Estremeço quando penso em Catão  
Por cada visão, por cada pensamento, tremo!  
Catão é firme e terrível como um deus,<sup>55</sup>  
Ele não sabe como fechar os olhos à fragilidade humana,  
Ou perdoar a fraqueza que nunca sentiu.
- Márcia: Embora firme e terrível com os inimigos de Roma,  
É todo bondade, Lúcia, sempre meigo  
Compassivo e gentil com os amigos.  
Pleno de ternura doméstica, o melhor,  
O mais carinhoso dos pais! Sempre o achei  
Acessível e bom e generoso para com os meus desejos.
- Lúcia: Só o seu consentimento nos pode abençoar.  
Márcia, estamos ambas igualmente envolvidas  
No mesmo intrincado e complexo dilema.  
A cruel mão do destino, que destruiu  
O vosso irmão Marco, que ambas lamentamos
- Márcia: E sempre lamentaremos, infeliz jovem!
- Lúcia: Libertou a minha alma e agora estou  
Desobrigada do meu voto. Mas quem conhece os pensamentos  
de Catão?

---

<sup>55</sup> Referência às qualidades quase divinas de Catão, em especial o sentido de justiça e a ausência de benevolência. Vide nota 46.

Quem sabe o que ele pretende de Pórcio,  
Ou o que decidiu ele próprio?

Márcia: Deixai-o apenas viver! O resto entregai aos céus.  
*[Entra Lúcio]*

Lúcio: Doces são os sonhos do homem virtuoso!  
Ó Márcia, vi o vosso divino pai:  
Algun poder invisível sustenta a sua alma,  
E mantém-no firme na sua habitual grandeza.  
Uma espécie de sono refrescante caiu sobre ele.  
Vi-o distender o corpo tranquilamente, a fantasia perdida  
Em sonhos agradáveis; quando me aproximei do seu leito,  
Ele sorriu e gritou: César, não me podeis magoar.

Márcia: A sua mente ainda fervilha de pensamentos terríveis.

Lúcio: Lúcia, porquê toda esta dor, este rio de mágoas?  
Secai as vossas lágrimas, minha filha, estamos todos seguros  
Enquanto Catão viver, a sua presença proteger-nos-á.  
*Entra Juba*

Juba: Lúcio, os cavaleiros retrocederam ao ver  
O número, a força, a postura dos nossos inimigos,  
Que estão agora acampados a apenas uma hora de marcha.  
Do ponto alto daquela brilhante torre ocidental  
Avistamo-los ao longe, o Sol poente  
Reflecte-se nas suas luzentes armas e polidos capacetes,  
E cobre todo o campo com raios de fogo.

Lúcia: Márcia, é tempo de acordarmos o vosso pai.  
César ainda está disposto a dar-nos os termos,  
E espera à distância até ouvir novas de Catão.

*Entra Pórcio*

Pórcio, a vossa expressão revela algo importante,  
Que notícias trazeis? Parece-me ver  
Uma alegria inusitada a brilhar nos vossos olhos.

Pórcio: Quando me apressava a caminho do porto, onde agora  
Os amigos de meu pai, impacientes por uma passagem de volta,  
Acusam os demorados ventos, um navio chegou  
Do filho de Pompeu que, pelos reinos de Espanha,<sup>56</sup>  
Clama por vingança pela morte de seu pai,  
E levanta toda a nação em armas.  
Estivesse Catão a liderá-la, de novo poderia Roma  
Pugnar pelos seus direitos e reclamar a sua liberdade.  
Mas, escutai! O que significa aquele gemido! Ó deixai-me passar,  
Deixai-me voar para a presença de meu pai.

*[Sai Pórcio]*

Lúcio: Catão, no seu sono, pensa em Roma,  
E no profundo tumulto da sua alma  
Chora a sua pátria. Ah, um segundo gemido!  
Que os céus nos protejam.

Márcia: Ai! Não é a voz  
De alguém que dorme! É uma dor de agonia,  
Há morte naquele som

*Reentra Pórcio*

Pórcio: Ó visão de desgraça!  
Ó Márcia, o que tínhamos aconteceu!  
Catão lançou-se sobre a espada.

Lúcia: Ó Pórcio,  
Escondi todos os horrores do vosso relato,  
E deixai-nos adivinhar o resto.

Pórcio: Ergui-o,  
E coloquei-o na sua cadeira, onde, pálido e débil,  
Tentando respirar e, enquanto a vida se lhe esvai,

---

<sup>56</sup> Gneu Pompeio Magno (79-45 a.C.) foi derrotado em 45 a.C., na batalha de Munda. Mais tarde seria capturado e executado por César.

Exige ver os seus amigos. Os servos chorando,  
Cumpriram as suas ordens e trouxeram-no aqui.  
*[O fundo do cenário abre-se, deixando ver Catão]*

Mércia: Ó céu, acorrei em meu auxílio nesta dolorosa hora  
Para oferecer os meus tristes e derradeiros respeitos a meu pai.

Juba: Estes são os teus triunfos, as tuas conquistas, ó César!

Lúcio: Agora, de facto, Roma caiu!  
*[Catão é trazido na sua cadeira até ao proscénio]*

Catão: Colocai-me aqui –  
Pórcio, aproximai-vos. Os meus amigos embarcaram?  
Há alguma coisa que possamos pôr ao seu serviço?  
Enquanto vivo, que não viva em vão.  
Ó Lúcio, estais aqui? Sois tão bom!  
Permiti que a nossa amizade viva nos nossos filhos;  
Fazei Pórcio e a vossa filha Lúcia felizes.  
Ai! Pobre homem, chora! Mércia, minha filha,  
Ó, inclinai-me para a frente! Juba ama-vos, Mércia.  
Um senador de Roma, enquanto Roma sobreviveu,  
Não casaria a sua filha com um rei,  
Mas as armas de César arrasaram todas as distinções;  
Quem seja bravo e virtuoso é um romano.  
Estou ferido de morte. Ó quando me libertarei  
Deste mundo fútil, morada de culpa e infortúnio!  
E, no entanto, parece-me que um raio de luz penetra  
A minha alma que se despede. Infelizmente temo  
Ter sido precipitado. Ó poderes que sondam  
O coração do homem e sopesam os seus recônditos pensamentos,  
Se procedi mal, não me culpeis!  
Os melhores podem errar, mas sois bons e... Ó! *[Morre]*

Lúcio: Voou a mais valorosa alma que alguma vez aqueceu  
Um peito romano. Ó Catão! Ó meu amigo!

A vossa vontade será religiosamente obedecida.  
Mas levemos este terrível cadáver a César,  
E coloquemo-lo à sua vista, para que possa erguer  
Uma barreira entre nós e a ira do vitorioso;  
Catão, embora morto, ainda protege os seus amigos.  
Que assim nações orgulhosamente guerreiras aprendam  
Os terríveis efeitos que jorram da guerra civil.  
É isto que faz estremecer de alarme a nossa pátria,  
E faz de Roma uma presa das armas romanas,  
Produz fraude, crueldade e dissensão,  
E priva o mundo culposo da vida de Catão. *[Saem todos]*

## Epílogo pelo Dr. Garth<sup>57</sup>

### Declamado pela Sr<sup>a</sup> Porter<sup>58</sup>

Que coisas estranhas e fantásticas fazemos nós, mulheres!  
Quem não escutaria quando jovens apaixonados fazem a corte?  
Mas se morrer donzela, ainda há duas escolhas!  
As senhoras são muitas vezes cruéis à sua própria custa;  
Para vos fazer sofrer, ainda mais a si próprias se punem.  
Votos de virgindade devem ser bem sopesados;  
Amiúde são cancelados, embora em conventos proferidos.  
Pudésseis castigar essas precipitadas decisões. Pois, fazei-o:  
Sede malevolente e acreditai no que dizemos;  
Detestamos quando facilmente aceitais um não.  
Quão inúteis, se nos conhecessem, seriam os vossos temores!  
Que o amor tenha olhos, e a beleza terá ouvidos.  
Os nossos corações são formados como vós próprios gostaríeis,  
Demasiado orgulhosos para pedir, demasiado humildes para recusar:

---

<sup>57</sup> Samuel Garth (1661-1719), poeta e médico cuja principal obra literária é *Dispensary* [*Dispensário*] (1699). Garth foi, simultaneamente, médico pessoal do rei e de Addison. Politicamente, apoiava o partido *Whig* e era membro do *Kit-Kat club*, um clube literário a que pertenciam nomes como Jonathan Swift, Dr. John Arbuthnot, entre outros.

<sup>58</sup> Mary Porter (m. 1765) uma actriz principal da companhia de teatro Drury Lane. Ela representou o papel de Lúcia na produção de *Catão*.

Entregamo-nos por mérito, vendemo-nos por riqueza;  
Suspira com mais sucesso o que bem se casa.  
As penas do matrimónio misturamo-las com as alegrias;  
Antes arrender-se com uma carruagem a seis cavalos.  
Não censureis a nossa conduta, pois apenas seguimos  
Essas lições bem vívidas que aprendemos convosco:  
Os vossos peitos já não acolhem o fogo de ardores de beleza,  
A pérfida riqueza usurpa o poder dos encantos,  
Que sofrimento para ganhar o vistoso objecto do vosso ódio,  
Para se elevar na aparência e ser um desgraçado no estado!  
Nos teatros olhais amorosamente para o anel que cumprimentais;  
Até as igrejas deixaram de ser santuários:  
Aí são os ídolos de ouro que recebem os vossos votos.  
Só é deusa quem tem algo para dar.  
Ó, que de novo a feliz era retorne,  
A era das palavras sem artifício, dos pensamentos sinceros;  
Em que o ouro e a grandeza não sejam invejados,  
E as cortes menos cobiçadas que os bosques e as fontes.  
O amor, então, apenas se lamentará quando a verdade censura,  
E a constância sentirá enlevo nas suas grilhetas;  
Suspiros com sucesso contarão a sua doce angústia,  
E os olhos revelarão o que os lábios calam;  
A virtude guindar-se-á, de novo, ao seu luzido posto,  
E a beleza não temerá inimigo, senão o tempo;  
A bela escutará o deserto em solidão,  
E cada Lúcia encontrará um filho de Catão.

Esta edição de  
*Catão: Uma Tragédia*  
foi impressa na TEXTYPE - Artes Gráficas  
sobre papel Sarvol 2 branco de 80 gramas no miolo  
e Svecia Antigo branco de 280 gramas na capa  
com uma tiragem de quinhentos exemplares.  
Acabou de imprimir-se em Julho de 2007

